

REVISTA



inovar

Maio/Junho 2015
11ª edição



AVALIAÇÃO FORMATIVA

Prof. Ms. Erinaldo dos Santos
relaciona a herança de André
Coindre e as possibilidades
de aplicação na atualidade



OPINIÃO

Pais “desnecessários”: um
caminho para o voo da vida
Aline Sposito



ARTIGO

A importância da prática das
atividades circenses para o
desenvolvimento motor e
cognitivo em crianças de 3 a 8 anos
Yolanda Perdomo Villalba

EXPERIÊNCIA

A evolução do Inglês no
Colégio Cristo Rei
André Zimmermann

ÍNDICE



opinião

Pais "desnecessários": um caminho para o voo da vida

Aline Sposito



artigo

A importância da prática das atividades circenses para o desenvolvimento motor e cognitivo em crianças de 3 a 8 anos

Yolanda Perdomo Villalba



artigo

O teatro de improviso como prática educativa

Lucirene Lanzi e Márcio Martins



coluna

Avaliação Formativa: de André Coindre ao Cristo Rei

Erinaldo Francisco dos Santos

17



artigo

A autonomia moral na criança e a construção da personalidade ética

Graziella Diniz Borges

28



sugestões

Livro: Stress a seu favor

Como Gerenciar sua vida em tempos de crise

21



coluna

O Ser e o Viver do Educador hoje

Édio João Mariani

30



galeria de arte

Trabalhos artísticos produzidos por alunos do Colégio Cristo Rei

24



experiência

A evolução do Inglês no Colégio Cristo Rei

André Zimmermann

38



redações em destaque

Textos produzidos por alunos do Colégio Cristo Rei

26



opinião

Quando o Educador Adoece

Gilson Cardoso

editorial

PROF. DR. ÉDIO JOÃO MARIANI
Diretor Geral do Colégio Cristo Rei



Reflexões de educador para educador (continua...)

EXPEDIENTE

Produção: Depto. de Marketing do Cristo Rei
Responsável: Alexandre de Oliveira Andrade
Jornalista: Natália Santos (Mtb. 51.793)
Design Gráfico e editoração: Márcio Rodrigo Martins
Imagens: José Antônio (Zem)
Revisão: Profa. Fernanda Peres
Colaboração: Equipe pedagógica do Cristo Rei
Fale conosco: marketing@crstorei.com.br

Diretor Geral: Édio João Mariani
Diretores administrativos: Ir. José Roberto de
Carvalho e Ir. Elton Lopes

RESPONSÁVEIS DE SETOR

Pedagógico: Heloísa Caprioli M. Silva, Sabrina
Sacoman Campos Alves, Regina Cristiane N. Campos
Peres, Verediana de Rossi F. da Cunha, Lourival F. da
Cunha, Mariana Spadoto de Barros, Eliane de Rossi
Marconato, Luiz Célio de Oliveira, Selma Leila B.
Martins e Gilson José Amancio.

Secretaria: Ivo F. Dutra
Tesouraria: Elizabeth Cristina Mazzo
Biblioteca: Lucirene A. Catini Lanzi
Juventude Cristo Rei: Ir. Márcio Diniz
Gráfica: Ronaldo Antonio Pallota
Serviços Gerais: Edivaldo Lacerda Rocha
Tecnologia: Rogério Henrique da Silva

COLÉGIO CRISTO REI
Av. Cristo Rei, 270 - Bairro Banzato - Marília/SP -
Cep: 17.515-200
Fone: (14) 3402-2399

www.crstorei.com.br / colegio@crstorei.com.br

A Revista Eletrônica Inovar se dedica, desde a primeira edição, a propor reflexões sobre todos os aspectos envolvidos na qualidade dos processos de ensino e de aprendizagem.

Para isso, o mais importante são as pessoas que atuam na comunidade escolar. Então, dediquei-me a pensar sobre alguns pontos importantes para sermos bons educadores. Cheguei a três áreas básicas que precisamos desenvolver:

Conhecimento - Uma das principais características de um profissional de educação, por excelência, é o domínio de determinados conhecimentos. Portanto, nesse aspecto, há uma ligação entre conhecimento, o ato de ensinar e a aprendizagem dos alunos.

Habilidades - Um educador precisa desenvolver, ao longo do exercício da carreira no magistério, habilidades específicas para a profissão, como, por exemplo: boa oratória, boa capacidade de comunicação, domínio de sala, ter uma dinâmica envolvente, clareza de raciocínio, tranquilidade, para lidar com todos os desafios nos mais diversos segmentos e faixas de idade, entre muitas outras.

Atitudes - Nossas atitudes no dia a dia devem contribuir para a prática dos conhecimentos e habilidades. Elas são nossa postura de serenidade, justiça, acolhimento e amor com todo o processo educativo. É o que vivemos e queremos que os alunos vivam no ambiente escolar e na sociedade. O melhor educador não é o que controla, mas o que liberta. Não é o que aponta os erros, mas o que os previne. Não é o que corrige comportamentos, mas o que ensina a refletir. Não é o que desiste, mas o que estimula a começar de novo.

Claro que encontramos dificuldades nessa missão, mas todas são superáveis para quem acredita nas crianças, na educação e na construção de uma sociedade mais justa.

Este é apenas um trecho de uma carta dedicada aos educadores, Você verá o texto na íntegra nas páginas 21 à 23 desta revista.

Aproveitem a leitura!

opinião



Pais “desnecessários”: um caminho para o voo da vida



Um dia desses deparei-me com um texto que fazia muito sentido, era uma reflexão inquietante e necessária frente às demandas que surgiam sobre como cuidar de um filho, passar segurança sem impedi-lo de construir sua individualidade, ser um humano autônomo, capaz de fazer suas escolhas e arcar com as consequências.

Desejo, neste artigo em que compartilho com vocês algumas reflexões, ou melhor, inquietações, mostrar o que senti e acredito ser relevante para pensarmos sobre o papel dos pais na construção do ser humano:

“Mães desnecessárias”

A boa mãe é aquela que vai se tornando desnecessária com o passar do tempo.

Várias vezes ouvi de um amigo psicanalista essa frase, e ela sem-

pre me soou estranha. Chegou a hora de reprimir de vez o impulso natural materno de querer colocar a cria embaixo da asa, protegida de todos os erros, tristezas e perigos. Uma batalha hercúlea, confesso. Quando começo a esmorecer na luta para controlar a supermãe que todas temos dentro de nós, lembro logo da frase, hoje absolutamente clara: “Se eu fiz o meu trabalho direito, tenho que me tornar desnecessária”.

Antes que alguma mãe apressada me acuse de desamor, explico o que significa isso.

Ser “desnecessária” é não deixar que o amor incondicional de mãe, que sempre existirá, provoque vício e dependência nos filhos, como uma droga, a ponto de eles não conseguirem ser autônomos, confiantes e independentes. Prontos para traçar seu rumo, fazer suas escolhas, superar suas frustrações e cometer os próprios erros também. A cada fase da vida, vamos cortando e refazendo o cordão umbilical. A cada nova fase, uma nova perda é um novo ganho, para os dois lados, mãe e filho.

Porque o amor é um processo de libertação permanente e esse vínculo não para de se transformar ao longo da vida. Até o dia em que os filhos se tornam adultos, constituem a própria família e recomeçam o ciclo. O que eles precisam é ter certeza de que estamos lá, firmes, na concordância ou na divergência, no sucesso ou no fracasso, com o peito aberto para o aconchego, o abraço apertado e o conforto nas horas difíceis.

Pai e mãe - solidários - criam filhos para serem



opinião

livres. Esse é o maior desafio e a principal missão.

Ao aprendermos a ser “desnecessários”, nos transformamos em porto seguro para quando eles decidirem atracar.

“Dê a quem você Ama:

- Asas para voar...
- Raízes para voltar...
- Motivos para ficar... ”

Dalai Lama

O título une duas palavras que com um olhar rápido parece algo incoerente, a palavra desnecessária junto com a palavra mãe! Nos primeiros dias de vida pensar nestas palavras juntas é incoerência, o bebê tem uma dependência absoluta de sua mãe em seus primeiros meses de vida, disto depende sua sobrevivência, pois é ela que supre todas as necessidades básicas dele (alimento, higiene). Mãe-bebê juntos para iniciar a construção do ser humano. A partir desta relação, emergiram os significados, em que a mãe representa um espelho para o bebê e uma possibilidade de construção do “ser” (existir) daquele bebê. Lejarraga (2012) diz que o bebê só pode começar a ser a partir da estrutura total mãe-bebê. Assim, do ponto de vista do bebê, não existe nada além dele próprio, sendo a mãe uma parte dele.

É chegado o momento que passará a existir não mais mãe-bebê, mas uma dupla: mãe e bebê. Este é o caminho para a primeira infância. Nesta fase, a criança depende de seus pais para várias atividades, a principal é ajudá-la a transformar os impulsos (instintos) em linguagem e em pensamento.

Os pais são responsáveis por acompanhar os filhos e ensinar a dar significado a suas emoções e sentimentos. Fornecer a segurança para a criança sentir-se protegida e confiante. Dethiville (2013) descreve este processo de desenvolvimento como “Encontrar em tal mundo”:

“Encontrar em tal mundo – além, apesar e com o que já existe – um lugar singular é paradoxo fundamental em torno do qual gira a primeira questão de Winnicott. Para o bebê, o ambiente imediato que “mediatiza” o mundo. O “outro ao lado”, o “humano do lado”, é que dá sentido à sensação corporal do bebê. Esse mesmo “outro ao lado” realiza, pelo bebê, um trabalho de tradução e de “transformação” (no sentido que lhe dá Bion). Assim, é difícil encontrar um lugar singular. Inicialmente, pensa-se com o aparelho de pensar do outro – esse “pequeno

outro” que é também o “grande outro” de Lacan, tesouro dos significantes. Se aquilo que estrutura um sujeito provém do Outro então é do Outro que vem o sentido. Assim, vê-se como tudo deve ocorrer numa “interação”. O que Winnicott descreve é o advento de um sujeito no cruzamento de três caminhos: o dos dados trazidos com ele na sua chegada ao mundo; o de uma vivência corporal necessária, “a fim de poder ser integrada”, de ser transformada e traduzida pelo sistema de pensar do outro, e o de uma relação com o Outro, o tesouro dos significantes. A subjetividade é construída na relação com o outro”. Dethiville, 2013.

É importante saber que o Outro (adulto, como citado acima) deve saber diferenciar-se de seus filhos, saber que existe um Outro ser, que “sente”, pensa, age de forma diferente da sua. Um Outro que precisa do amor solidário, que deixa livre para ser autônomo, confiante e independente.

A criança precisa sentir-se apoiada por seus pais para encontrar-se nesse tal mundo. Podemos exemplificar algumas atividades que a criança precisa deixar para avançar para novas fases: a chupeta, a mamadeira, a fralda, a cama dos pais. Não é muito difícil ouvirmos “Estou tentando tirar a mamadeira, mas ele(a) ta chorando tanto! Tadinho(a)!”. Aqui cabe aos pais a reflexão de que se este receio de avançar para uma nova fase é dele (adulto) ou da criança que está fazendo a sua parte (como diz um ditado popular: “Quem não chora não mama”), cabe ao Outro adulto trazer o significado daquela experiência para a criança, apresentar as vantagens de avançar para uma nova etapa, encorajá-lo a ser mais independente. Se a criança for considerada um “tadinho”, o significado daquela experiência é que ela não consegue, é incapaz. Dethiville (2013) apud Winnicott (1983) “Gradualmente, pode-se considerar que exista uma realidade psíquica interna ou pessoal da criança. Assim, a criança pode enfrentar os traumas porque dispõe dos meios que eles vêm dessa realidade interna”.

As atitudes e os encorajamentos da primeira infância irão refletir para sempre na vida da criança, ao deparar com o receio de avançar, com as frustrações impostas pela realidade da vida terá em suas memórias (muitos destes registros inconsciente) a coragem para prosseguir e recomeçar quando necessário. Dethiville (2013) diz a psique se firma ao corpo durante a vida, não podemos esquecer que lidamos com um sujeito humano inscrito na sua relação com o outro, mediador/



opinião

intérprete da vivência corporal, um sujeito que vem ao mundo com uma determinada bagagem cognitiva e capacidade de desenvolvimento próprio, um sujeito “que tem um cérebro e que pode usá-lo”.

É importante que a criança sinta-se segura e cuidada por um adulto, para construir uma figura de autoridade, para entender os limites e entrar em contato com a realidade. Satisfazer a todos os desejos de uma criança é mantê-la distante das frustrações e do desenvolvimento emocional.

Um ponto forte do texto do Dalai Lama é a relevância de não se deixar que o amor incondicional torne-se um vício como a droga. Dentre várias pontos de vista sobre as adições podem ser consideradas como “companheiras” substitutas da dificuldade de ser autônomos, de serem indivíduos capazes de sentir solidão, como anestésias para não entrarem em contato com as frustrações que se apresentam com a realidade.

Amar é deixar, libertar, permitir e auxiliar o filho a crescer, ser independente. Podemos fazer um paralelo com o pássaro, ele nasce com asas, a mãe pássaro ensina o que ele pode fazer com as asas: voar, ela traz significado a algo que ele possui. Entretanto, ela não pode voar por ele. É preciso que o pássaro filho arrisque-se e vá alçar seus próprios voos. Viver as suas experiências, fazer as suas escolhas e assumir as consequências dele. Assim acontece com o ser humano, ele precisa de alguém que acredite em seu potencial, mostre os significados para haver transformações em ser corajoso, que enfrente seus medos com audácia e ser um adulto emocionalmente em desenvolvimento, capaz de alçar voos e de levantar-se e iniciar tudo novamente após uma tempestade.

Referências bibliográficas

DETHIVILLE, L. **Donald W. Winnicott – uma nova abordagem**. Campinas: Armazém do Ipê, 2013.

LAMA, D. **Mães desnecessárias** Disponível em: <http://www.lumiarprojetos.com.br/Texto.aspx?id=753>. Acesso em: 21 Mar. 2015.

LEJARRAGA, A. L.. **O amor em Winnicott**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.



ALINE SPOSITO

Formação Superior em Psicologia – Unimar
MBA em Gestão de Pessoas com ênfase em Estratégias – FGV
Especialização em Psicoterapia Psicanalítica – UNIVEM/Núcleo de
Psicanálise de Marília e Região

artigo



A importância da prática das atividades circenses para o desenvolvimento motor e cognitivo em crianças de 3 a 8 anos

Neste artigo pretendemos conscientizar os leitores sobre a importância da prática das atividades circenses para o desenvolvimento infantil, utilizando recursos e conhecimentos de uma arte milenar. Atividades direcionadas em sua totalidade por gerações familiares passadas de pais para filhos desde a sua origem até os dias atuais, evoluindo e passando por transformações a cada dia, demonstrando seus benefícios, estabelecendo uma ponte entre a arte, a cultura, o esporte e o lazer, ressaltando sua verdadeira essência em que se trabalha o psicomotor e a forma atlética do ser humano, o desenvolvimento e habilidades muitas vezes inacreditáveis aos olhos do público.

A IMPORTÂNCIA DO CIRCO NA ESCOLA

Para Godall e Hospital (2008) é necessário considerar a escola como um ambiente onde o aluno tenha a oportunidade de aprender, vivenciar e saborear ao máximo experiências cognitivas e motoras que sejam base para sua formação e possibilitem a diversificação e a significância, conhecimento tratado neste local.

Para Duprat (2007) esses conteúdos de acordo com a pro-



posta devem ser oferecidos seguindo uma estrutura espiralada na qual as crianças aprendem primeiro essas experiências que estão mais próximas delas para logo ir ampliando o conhecimento em busca do que está mais distante.

A arte circense e educação física, por considerá-las mani-



artigo

festações da cultura corporal, por sua riqueza de possibilidades de movimento, desde as formas mais simples até as mais complexas, individuais ou em grupo, com ou sem aparelhos, propiciando ao aluno uma grande diversidade de experiências motoras e sensíveis; por ser uma das formas de compreender o corpo que se movimenta e se expressa. (DUPRAT; 2007)

Segundo Duprat (2007), para valorizar as atividades circenses deve-se como educadores, observar os conhecimentos do profissional que administra as aulas, de uma maneira crítica, bem sejam em oficinas de circo ou artes circenses em academias. Na educação física, o entendimento para transmissão do saber vinculada à cultura corporal é obter o diferencial. A procura de conhecimentos é o suporte para o trabalho com as atividades circenses, assim como defender a possibilidade da inclusão como conteúdo regular na educação infantil.

PEDAGOGIA CIRCENSE

Segundo Santos (2013) o curso de Pedagogia foi criado no Brasil em 1930 e o assunto central foi o aluno. O significado da palavra pedagogo é aquele que conduz a criança. Com o passar do tempo, esse termo foi ampliado para o que sabe o que é melhor ensinar para a criança.

Em relação à pedagogia circense, deve-se permitir ao aluno construir o conhecimento do movimento e a partir dessa transição a capacidade para obter a condição do potencial físico proporcionando o material circense, o conhecimento e a compressão da vivência prática, ou seja, aprender a conhecer, e aprender a fazer. A percepção e o estímulo serão espontâneos,

já que o processo do aprendizado exige uma didática bem elaborada, exigindo do aprendiz maior desenvolvimento corporal e cognitivo. (BORTOLETO e MACHADO; 2003).

DESENVOLVIMENTO INFANTIL



Para Godall e Hospital (2004) aos 3 anos seria o início do estímulo para o desenvolvimento psicomotor da criança, respeitando sempre o momento evolutivo com métodos de orientação e incentivo no sentido lúdico em formas de agrupamento, utilizando a naturalidade do movimento, ações distribuídas em duplas, rodas, trens, filas etc., utilizando a verbalização própria para a faixa etária fazendo com que a expressão seja satisfatória e de grande importância individual como para o grupo, proporcionado que a atividade tenha segurança, seja prazerosa e provoque o hábito da prática.

Sempre com a intervenção do adulto, no caso o professor, adequando, possibilitando, modificando, organizando e preparando o aluno para a receptividade e a capacidade de atenção

e de escuta, avaliando, aprendizagem, autossuperação tendo uma flexibilidade para a comparação e a competitividade natural na idade. Fazendo com que a criança seja capaz de refletir sobre seu próprio trabalho (GODALL; HOSPITAL, 2004). Aptidão física: Define como condição positiva de bem estar físico influenciada por atividade física regular.



artigo

OUTRAS HABILIDADES TRABALHADAS COM ATIVIDADES CIRCENSES

Em outras palavras, a prática de atividades físicas circenses utiliza a coordenação visual-motora, nada mais do que acompanhar um objeto em movimento, junto do perceptivo-motor que se trata de dependência da atividade motora voluntária de alguma forma de informação perceptiva. Ou seja, visualizar uma bola em movimento de uma mão a outra, ou seja, trabalhando malabarismo, em base do processo desenvolvimentista, dito atividades físicas, apresentam melhora no controle motor pela prática visão de desempenho acadêmico ou promove aptidão por certas atividades escolares, melhora o esquema corporal, estrutura espacial e orientações direcional e temporal.

Para Invernó (2003) e Duprat (2004), pode-se resumir que o trabalho com as diferentes modalidades circenses proporcionará a melhora dos alunos no que diz respeito às habilidades coordenativas, conhecimento e controle corporal, mas sobretudo, de sua capacidade comunicativa e expressiva. Em geral, as práticas das atividades circenses exigem do corpo qualidade física, resistência, força, velocidade, flexibilidade e equilíbrio, destaca DUPRAT (2007), e para isso o trabalho deve ser focado e voltado para um nível de iniciação já do intermediário ao avançado tendo em conta as etapas para o desenvolvimento (resistência, força, velocidade e flexibilidade), habilidades motoras (coordenação motora óculo-manual, coordenação dinâmica geral, agilidade, equilíbrio dinâmico, equilíbrio estático lançamento e recepção), controle corporal (percepção espaço-temporal dos objetos utilizados, percepção espacial, lateralidade, controle postural), expressão corporal (técnicas de expressão corporal, criatividade corporal, representação e dramatização). (INVERNÓ, 2003).

Os resultados obtidos das pesquisas dos autores sobre circo, afirmam uma das teorias expostas sobre o tema relacionado sobre a importância das atividades circenses no início do desenvolvimento infantil, os objetivos foram verificar onde, como surgiu, como se aprende, qual é a melhor didática de

“Trata-se de uma atividade física, na qual elaboram atividades que desenvolvem músculos fortes, flexibilidades máximas, raciocínio rápido e postura e expressão corporal para a criação de acrobacias incríveis”

aproveitamento dos conhecimentos dessa arte milenar, pesquisando informações necessárias para o entendimento do início da prática da arte circense viabilizando e simplificando o processo do aprendizado.

Representando com fatos fundamentais histórico-culturais, reafirmando que o circo trata-se de uma atividade física, na qual elaboram atividades que desenvolvem músculos fortes, flexibilidades máximas, raciocínio rápido e postura e expressão corporal para a criação de acrobacias incríveis há centenas de anos

já era praticada, e cada dia se aproxima à educação física escolar, ressaltando a importância da cultura corporal trazendo à vista de todos seus inúmeros benefícios para as crianças de 3 a 8 anos, já que se trata da idade em que a criança desperta a curiosidade do aprender e representa a melhor etapa de desenvolvimento motor e cognitivo. Aqui se encontra a melhor fase para a realização e criação das habilidades circenses



as quais podem auxiliar no aprendizado da didática escolar, é nessa faixa etária que o professor de circo consegue motivar a criatividade e obtém a resposta para infinitas acrobacias no âmbito circense. É esse olhar perspicaz de treinador que há centenas de anos revela excelentes figuras no âmbito circense.



artigo

O que levou os autores na área a pesquisar e constatar todo o trabalho técnico em crianças circenses para desenvolver um atleta ou artista acrobático que é a figura principal no espetáculo de circo.

Adaptando as atividades circenses direcionadas para o âmbito escolar quando bem programadas e preparadas por profissionais na área significaria um avanço na preservação da cultura circense, e seria mais uma atividade física oferecida ao combate do sedentarismo e obesidade infantil. O professor de educação física representa um papel importante no trabalho educacional para a qualificação é fundamental na área já que existe uma metodologia precisa com técnica elaborada para garantir a segurança e o bem-estar do aluno. O papel como professor na área é a de motivar e orientar a criatividade e a expressividade propiciando e fomentando o aprendizado do aluno para que a criança alcance os objetivos propostos com autonomia e prazer para garantir uma qualidade de vida não só na idade infantil mas continuar na vida adulta.

Referências bibliográficas

BORTOLETO, M. A. C.; DUPRAT, R. M. Educação física escolar: pedagogia e didática das atividades circenses. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 28, n. 2, p.171-189, 2007.

BORTOLETO M. A.C.; CALÇA, D. H.O tecido circense: fundamentos para uma pedagogia das atividades circenses aéreas. Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 5, n. 2, p. 72-88, jul/dez. 2007. ISSN: 1983 – 9030

BORTOLETO, M. A. C.; MACHADO, G. A. Reflexões sobre circo e a Educação Física. Revista Corpo consciência, Santo André, n.12, p. 41-9, 2003.

DUPRAT, Rodrigo Mallet. Atividades Circenses: possibilidades e perspectivas para a educação física escolar. 2007. 61 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física, UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

RESOLUÇÃO CONFEF nº 056/2003. Revogada pela Resolução CONFEF nº 254/2013. Educação Física registrada no Sistema CONFEF/CREFs. O PRESIDENTE DO. Art. 2º - Fica revogada a Resolução http://www.confef.org.br/extra/resolucoes/conteudo.asp?cd_resol=326&textoBusca=cod acesso 10 de novembro de 2014.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J.C. Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. 3. ed. São Paulo: Phorte, 2005.

GODALL, Teresa; HOSPITAL, Anna. 150 Propostas de Atividades Motoras para a Educação infantil de 3 a 6 anos. São Paulo: Artmed, 2008.

GONÇALVES, L.L.; LAVOURA ,T.N. O circo como conteúdo da Cultura Corporal na Educação Física escolar: possibilidades de prática pedagógica na perspectiva histórico crítica. R. bras. Ci. e Mov. v.19, n.4, p.77-88, 2011.

INVERNÓ, J. Circo y educación física: otra forma de aprender. Barcelona: INDE Publicaciones, 2003.

ONTAÑON B T; BORTOLETO M A C.. Todos a la pista: El circo en las clases de educación física". Revista EDU-FISICA Grupo de Investigación Edufísica.Revista Digital de Ciências Aplicadas al Deporte. Espanha: Vol. 6, nº 13, 2014. Disponível em <http://www.edu-fisica.com/> . Acesso em: : 27 /10/ 2014.... ISSN 2027- 453X.

SEIBEL Beatriz. Historia Del circo. Buenos Aires: Del sol, 2005, Biblioteca Popular.

SANTOS, Mayron E,R. Pedagogia e Arte Circense: subsídios para prática para o desenvolvimento humano e o convívio social. Pós-graduação, Expressão Ludo criativa-UNIUBE.II. Simpósio de Ética. Universidade de Uberaba. Outubro 2013.

SILVA, Ermínia. O circo-família o respeitável público. 2009. Disponível <http://www.pindoramacircus.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1131:o-circo-familia-e-o-respeitavel-publico&catid=147:artigos&Itemid=505. Acesso em: 28 set. 2014.

YOLANDA PERDOMO VILLALBA
Bacharel em Educação Física – FAIP
Artista circense
Professora de aulas de circo



artigo



O Teatro de Improviso como prática educativa

A arte, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, “[...] solicita a visão, a escuta e os demais sentidos como portas de entrada para uma compreensão mais significativa das questões sociais.” (BRASIL, 2001, p. 20)

Pensando um mundo melhor para as nossas crianças e jovens, podemos garantir:

O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida. (BRASIL, 2001, p. 21)

A Arte, como um universo de diversidades de expressões, ensina que é possível transformar a existência e modificar-se, envolver-se continuamente, e que é preciso – e possível e necessário – mudar referências a cada momento, ser flexível, e é a arte que sempre propõe a (re)significação.

O teatro pode transformar (e transforma) a escola em um espaço de trabalho e aprendizagem pelo viés do prazer e do encantamento. O espaço escolar de hoje, diferente do que se preconizava na escola tradicional, é “[...] um lugar social plural e contraditório”. (FONSECA,

2003, p. 103)

Esta é uma dimensão essencial do aprender humano: a condição de estar imerso no contraditório, o que possibilita um contato direto com a diferença.

Defendemos uma escola feita de realidade e imaginação, em dosagens equilibradas, e apresentamos o teatro como ele-

mento transformador das relações intra e interpessoais no cotidiano escolar – espaço de diversidades.

No fazer teatral, “Aprender com sentido e prazer está associado à compreensão mais clara daquilo que é ensino” (BRASIL, 2001, p. 47). Educa-se (educare e educere), ensina-se e (re) descobre-se e o dinamismo e o encanto da diversidade pelo envolver-se com ela.

Aprender/ensinar é posicionar-se em defesa de uma escola plural, imprimindo um novo ritmo ao viver/conviver, em percursos que vão e voltam, da sala de aula ao mundo. E é o teatro que melhor possibilita que aconteçam aulas dentro e fora de si mesmo.

O teatro é o cultivo mais eficiente e eficaz da criatividade e esta “Deve ser nutrida e cuidada onde quer que apareça, justamente porque não pode ser ensinada ou encomendada.”(CUÉLLAR,

1997, p. 104) Pelo ato de fazer teatro compreende-se que a criatividade consiste na ação individual e coletiva de fazer e





artigo

inovar.

O teatro amplia o horizonte, melhora a autoestima, oportuniza aos(as) alunos(as) um conhecimento diversificado e a expressão livre de sentimentos, emoções, aflições e sensações. É por meio do teatro que os indivíduos são preparados para serem aptos de desenvolver novos modos de vida em comum e demarcar novas direções. Essas competências não podem ser impostas ou ensinadas, precisam ser internalizadas.

Hoje, mais do que nunca, é necessário cultivar a criatividade humana, pois em um contexto de rápida mutação, os indivíduos, as comunidades e as sociedades só podem adaptar-se ao que é novo e transformar sua realidade por iniciativa e da imaginação criadoras. (CUÉLLAR, 1997, p. 102)

Fazer teatro é aguçar a percepção de si e do outro, rompendo com todas formas ou manifestações de preconceitos e discriminações. No fazer teatral, aprendemos sem nos preocupar em aprender. É uma aprendizagem diferente: “[...] aprender a pensar no fluxo do aprender a sentir.” (LEAL, 2000, p. 94)

Com base em tudo o que afirmamos no texto acima, eu, Lucirene, arte/educadora e o professor Márcio, arte/educador de arte cênicas, mostraremos a importância de ensinar nossos alunos por meio do Teatro de Improviso.

O Teatro de Improviso, também chamado de Teatro Espontâneo, é uma modalidade de teatro na qual o texto e a representação são criados no decorrer do espetáculo, e, na maioria das vezes, sem ensaio prévio, excluindo-se os textos pré-definidos.

Os participantes – atores/alunos e atrizes/alunas - contraem entre si e a beleza do espetáculo resulta da criatividade coletiva, cultivada pela imaginação livre e espontânea.

Assim, os principais elementos que integram o teatro de improviso são, entre outros: a) a sensibilização e a reflexão sobre problemas coletivos, apresentados de forma lúdica, inventiva e participativa; b) a intervenção crítica e criativa em temas específicos, propondo-se pesquisa e ação refletiva e dialógica; c) as atividades educativas; d) a expressão artística natural e e) o entretenimento.

No Teatro de Improviso, a espontaneidade é uma ferramenta imprescindível do diálogo e assim se constrói o espaço



cênico. A espontaneidade dá origem à criatividade, provocando-a e expandindo seu alcance. E as palavras viram gestos e gestos dizem mais do que palavras. Como recurso pedagógico, o Teatro de Improviso na sala de aula é uma prática de inquestionável valor, reconhecida mundialmente.

Na ação cênica espontânea, o(a) aluno(a) torna-se sujeito da aula e vive de maneira integral o vínculo social de seu grupo, uma vez que, na prática cênica, o(a) aluno(a) tem um campo vasto e aberto para a expressão natural de suas emoções e sua intuição, essenciais para o desenvolvimento da criatividade. E aqui o conhecimento se torna ainda mais relacionado à vida cotidiana, conectado imediatamente à experiência.

Na escola, a atividade teatral tem como objetivo desenvolver a expressão corporal e verbal, pois, compreendemos que o corpo e a voz são os principais instrumentos ou recursos do teatro.

Na ação cênica espontânea, o(a) aluno(a) torna-se sujeito da aula e vive de maneira integral o vínculo social de seu grupo, uma vez que, na prática cênica, o(a) aluno(a) tem um campo vasto e aberto para a expressão natural de suas emoções e sua intuição, essenciais para o desenvolvimento da criatividade. E aqui o conhecimento se torna ainda mais relacionado à vida cotidiana, conectado imediatamente à experiência. Na escola, a atividade teatral tem como objetivo desenvolver a expressão corporal e verbal, pois, compreendemos que o corpo e a voz são os principais instrumentos ou recursos do teatro.



artigo

A consciência corporal deve ser um dos pontos ou aspectos fundamentais da aprendizagem, pois, as crianças e os jovens, pela brincadeira, irão construindo as suas afetividades. O teatro, quando utilizado de forma adequada no ambiente escolar, impulsiona o desenvolvimento de crianças e adolescentes de maneira rápida, graças ao fazer lúdico, que permite imaginação, fantasia, interação e convivência com o diferente. Às vezes, ele pode ser um caminho que se abre para os(as) tímidos(as). Outras vezes, um caminho fácil para a liberação dos(as) extrovertidos(as) no sentido de desenvolverem uma introspecção necessária.

E, além de tudo isso, o teatro propõe a formação acelerada, o conhecimento de si e do outro, despertando o conhecimento e o sentimento de mundo. Descobre-se o pertencer.

O teatro abre as perspectivas de um entendimento do mundo como um todo e das pessoas como iguais em direito e diferentes, diversos em expressão. O teatro caminha sempre contra os preconceitos e as discriminações, pois tudo o que é feito no teatro tem sempre um objetivo humano, de toque, de respeito, de convivência e de aprendizagem mútua. Entendemos que, para organizar o teatro de improviso na escola é preciso compreender alguns elementos importantes. O primeiro deles é a constatação de que a arte teatral é a que mais facilmente atrai o interesse das pessoas, porque é uma arte viva e dinâmica, sem fronteiras. Assim, ela é possuidora de um apelo muito forte, conseguindo, convencer e persuadir, facilmente. Portanto, essencial para combater o racismo e as discriminações negativas.

Para contextualizar essa nossa explanação, nós, eu, Lucirene e o professor Márcio, reunimos os alunos (8^{os} e 9^{os} anos), uma vez por bimestre, para que eles escolham o tema da dramatização do teatro de improviso. Cada sala escolhe um tema, e, a partir desse tema fazemos o jogo teatrais da Viola Spolin, onde baseado em um roteiro determinado, por nós, professores, os alunos têm que usar recursos criativos para dar continuidade ao script.

A sala é dividida em dois grupos e após as apresentações, os alunos são convidados a darem sua opinião sobre as representações dos colegas e a deles mesmos. A nota é construída de forma coletiva, cada aluno tem o direito de "advogar" por si, ou pelos colegas.

Julgamos, a grosso modo, que o Teatro de Improviso possibilita o desenvolvimento de diversas habilidades e competên-

cias que, pensamos, ser importante citar: a) habilidades básicas: ler, escrever, calcular e falar e ouvir; b) habilidades de pensamento e c) habilidades pessoais.

Na perspectiva do ato cênico de improviso, configuram-se como habilidades de pensamento: a) pensar criativamente; b) tomar decisões; c) resolver problemas; d) ver as coisas com os "olhos da mente" e e) saber aprender e raciocinar de forma autônoma.

Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: Arte 3, A Secretaria, 2001.

CUÉLLAR, Javier Pérez de (Org.) **Nossa diversidade criadora**: relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento. Campinas: Papirus, Brasília: Unesco, 1997.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino**: experiências, reflexões e aprendizados. Campinas: Papirus, 2003.

LEAL, Antônio. Teatro na Escola: da Clausura à libertação. In: GARCIA, Regina Leite (Org.) **Múltiplas Linguagens na Escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

VIOLA, Spolin. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

LUCIRENE LANZI
Professora de Arte do Ensino Fundamental II do
Colégio Cristo Rei
Doutoranda em Educação pela UNESP-Marília/SP



MÁRCIO MARTINS
Professor de Arte Cênica do Ensino Fundamental
II do Colégio Cristo Rei
Proprietário da Escola Livre de Artes de Marília -
ELAM.



coluna



Avaliação formativa: de André Coindre ao Cristo Rei

Em conformidade com “Escola do Padre André Coindre”¹, o carisma do fundador não deve ser entendido como mera recordação histórica, com certo tom sentimental. Ao contrário, revela-se como experiência peculiar, em cuja essência sobressai a análise do contexto histórico-social, no qual André Coindre viveu: “um dos períodos mais agitados da história da França.”²

André Coindre, a partir da atividade paroquial em Bourg-en-bresse, direciona-se à compreensão e intervenção sobre os inúmeros fatores negativos, provenientes do conflito revolucionário. Seu olhar volta-se a uma realidade estranhada, excludente e desprovida de dimensão existencial. Nesse panorama, a missão irrompe ao constatar que se evaporara a noção de ser humano, “a situação penitenciária da França é crítica (...) o número de detidos aumenta consideravelmente, inclusive adolescentes e jovens”³; dissipara-se o critério de assistência social; dissolvera-se o cuidado com a juventude e, de igual modo, ocultara-se a relevância das congregações religiosas, pois “Em Lyon, se aplicaram as leis dos dias 4 e 6 de agosto de 1792 que suprimiram as congregações religiosas.”⁴

Sob esse prisma, percebe André Coindre um contexto tirano, cruel, incapaz de integrar o jovem, porque em vez de protegê-lo, impõe-lhe a prisão; no lugar de livrá-lo da opressão institucionalizada, retira-lhe a liberdade; diferente de defendê-lo da

barbárie, quebra-lhe o liame social; ao contrário de constituí-lo em vínculo com a formação, mostra-lhe a incerteza, a frouxidão do sentido entre vida e sociedade e, por conseguinte, a perda dos valores cristãos. Por tais razões, André Coindre sente-se chamado a pôr a limpo esse dilema, “procurar um meio de colocar os jovens detidos como aprendizes”⁵; a pôr em dúvida

a falta de fé, ao sair à procura de “equipe de educadores que acolhe jovens com problemas, ensina-os, ministra-lhes a religião, forma-os, possibilita-lhes, enfim, notável futuro”⁶; a pôr empenho, enfim, na construção de uma comunidade de irmãos, destinados à formação cristã dos jovens.

Em face do exposto, frise-se considerar o núcleo da preocupação pedagógica do Colégio Cristo Rei, a saber, restaurar a dimensão formativa do educador. Assim sendo, o

processo de Formação Permanente, sob responsabilidade do diretor Dr. Édio Mariani, traz em seu bojo o estudo da Avaliação Formativa. Trata-se, a princípio, de ação pedagógica em conformidade com as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Atente-se, diante disso, ao consenso de estar disciplinada a avaliação primeiramente pela Lei n.5.692/71. Esse disciplinamento legal passou a ser reiterado nas alíneas a e





coluna

b do inciso V do artigo 24, da LDBEN – Lei 9.394/96, do qual resulta constituir-se como processo contínuo e cumulativo do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos.

Trata-se, todavia, de ação pedagógica, cuja matriz seja a de pôr em indagação a avaliação de orientação positivista, bem visível na história da educação brasileira. Singularmente, ação destinada a resgatar da avaliação uma expressão tão importante a André Coindre, isto é, a dimensão formativa. O que há, pois, de fundamental a salientar é que a criação do nome Avaliação Formativa emerge com Scriven⁷, em 1967, como forma de opor-se à Avaliação Somativa. Em sintonia com isso, Abrecht⁸ define avaliação formativa como tomada de consciência, a contemplar fatores essenciais, como a motivação e, sobretudo, criação de parâmetros determinantes na qualidade da aprendizagem, listados como testes, check-list, questionários, entre outros instrumentos de autoavaliação para o aluno.

Ademais, António Nóvoa, em Educação 2021: Para uma história do futuro, considera a escola do futuro pela vertente da aprendizagem. Emprega ênfase ao considerá-la na sua especificidade: canal de novas perspectivas, a colocar a aprendizagem no centro das preocupações. Ora, adverte o pesquisador, “a aprendizagem não é um processo linear e deve ser equacionada numa perspectiva multifacetada (...)promover a aprendizagem é compreender a importância da relação ao saber, é instaurar formas novas de pensar e de trabalhar na escola, é construir um conhecimento”⁹.

É de clareza ímpar que se entenda por avaliação formativa o processo de tornar o aluno autor de sua própria aprendizagem. Essa autoria advém da relação consciente, capaz de estimulá-lo, constantemente, com o processo de construção do conhecimento. Diante disso, as dúvidas estão a surgir, senão vejamos: “como proceder nessa avaliação formativa?”; “que

mudanças trará para a prática docente?”; “quais alterações serão propostas nas relações pedagógicas?”; “quais alterações no ambiente físico da sala serão objetivadas?”; “que formas de gestão docente serão imperativas?”; “quais são os teóricos que nos ajudarão a compreender tal fenômeno?”; “como tornar o aluno autor numa sociedade em que ele é plateia?”; “a prova somativa institucionalizada prova alguma coisa?”; “quem avalia o avaliador?”; “como avaliar a avaliação formativa?”; enfim, “como ser um avaliador formador?”; “vão mexer na minha avaliação!”¹⁰

A resposta a essas indagações estão bem presentes, conforme a professora Sônia Grego, nas pesquisas de Black e William, desenvolvidos ao longo de 2009. De acordo com tais estudos, a avaliação formativa passa pela compreensão de sala de aula formativa como foco da aprendizagem, da tomada de decisões, da partilha de responsabilidade, da partilha de poder de todos os agentes. Isto posto, entendem os autores o caminho da aprendizagem como processo pessoal, cognitivo, interno, a exigir, por tais razões, uma sala formativa, identificada pelo estímulo constante dos processos de pensamento dos alunos.

A fim de alargar o entendimento do assunto, torna-se útil o estudo pesquisadora do Grupo de Pesquisa Avaliação e Políticas Educacionais do CNPq, Sônia Maria Duarte Grego, Unesp/Araraquara. O seu objeto firma-se no dilema de como superar uma cultura avaliativa centrada no produto das aprendizagens e focar a avaliação no processo de aprendizagem dos alunos. Outrossim, como tornar a ficha individual de avaliação periódica dos alunos com baixo rendimento escolar um instrumento a favor da superação de suas dificuldades e, em derradeiro, como posicionar “a avaliação formativa a serviço das relações pedagógicas, implicando professores e alunos, individual e coletivamente, e toda a escola como atores responsáveis pelo sucesso escolar”¹¹.

Obtempera-se, a partir desse diapasão, o entendimento de não ser razoável ao professor, a nós docentes, outro caminho senão o de pôr em xeque a velha tradição acerca da avaliação. Essa poderosa máquina de poder tornou-se um verdadeiro exercício de controle normalizante, capaz de nos qualificar, historicamente, como detentores não só do poder de transmitir conhecimentos, como também de cobrar dos alunos o conhecimento que lhes fora transmitido. Ora, se a escola tem sido, conforme Foucault, um dispositivo disciplinador; poderá, de igual modo, representar um espaço social, cuja essência

“É de clareza ímpar que se entenda por avaliação formativa o processo de tornar o aluno autor de sua própria aprendizagem.”

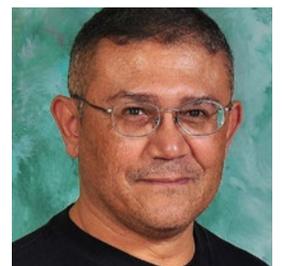


**“ser professor
significa professar
sempre, renovar-se
incondicionalmente,
promover
a relação dialética
do conhecimento”**

seja a de produzir contrapoderes. Em suma, havemos de nos inscrever todos na mesma razão de ser, qual seja, visar à avaliação como sinônimo de vida, vida que valha a pena ser vivida. Não constitui demasia assinalar, por necessário, a atualidade do Carisma de André Coindre. Afigura-se inequívoco o fato de ser, na pessoa de André Coindre, a cristalização da pedagogia formativa. De igual forma, afigura-se digno de realce o processo de Formação Permanente/2015, uma forma do pensar consciente, cujo propósito não é outro, senão o de firmar a historicidade dos Irmãos a fim de promover o aluno, tornando-o cada vez mais ator de sua própria história. Ser professor, nessa conjuntura, importa, semelhantemente, visitar a lição do mestre Anísio Teixeira, segundo o qual a escola não deva ser local de formação do “privilegiado”. Isto posto, ser professor significa professar sempre, renovar-se incondicionalmente, promover a relação dialética do conhecimento, como afirmara Sêneca: “Aprender me apraz, porque me permite ensinar”.

Referências bibliográficas

- 1 - Irmãos do Sagrado Coração. Na Escola do Padre André Coindre, p.26. Província da Espanha. Impressão Colégio Cristo Rei – Marília/SP- Brasil.
- 2 - _____, p.35
- 3 - Revista Cristo Rei. Irmãos do Sagrado Coração, p.20. Impressão Midiograf Gráfica e Editora, 2013.
- 4 - Irmãos do Sagrado Coração. Op. Cit, p. 36
- 5 - Revista Cristo Rei. Op. Cit, p.20
- 6 - _____, p.20
- 7 - ABRECHT, Roland. A avaliação Formativa. Em Aberto, Brasília, ano 15, n.66, abr./jun.1995
- 8 - _____, p.55
- 9 - NÓVOA, António. Educação 2021: Para uma história do futuro. Disponível em http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/670/1/21232_1681-5653_181-199.pdf
- 10 - PERRENOUD, Philippe. Não mexam na minha avaliação! Para uma abordagem sistémica da mudança pedagógica. In: ESTRELA. Albano, NÓVOA, Antonio (Orgs.). Avaliações em educação: Novas perspectivas. Porto, Portugal: Porto Editora LDA, 1993, p. 171-191.
- 11 - GREGO, Sonia Maria Duarte. Reformas educacionais e avaliação: Mecanismos de regulação na escola. Revista Estudos em Avaliação Educacional, v.23, n.53, p. 60-81, set./dez., 2012.



PROF. ERNALDO FRANCISCO DOS SANTOS
Leciona Língua Portuguesa

artigo



A autonomia moral na criança e a construção da personalidade ética

La Taille (2010) diferencia moral e ética e nos fala que, na base os dois conceitos são sinônimos e ambos se complementam, a moral se referindo às leis que normatizam as condutas humanas e a ética correspondendo aos ideais que dão sentido à vida, ambas não se confundem mesmo sendo amplamente relacionadas. Neste sentido, nenhuma moral pode ser bem sucedida sem uma formação ética, existe uma relação complementar entre elas.

Vamos pensar nas relações entre o sentimento moral e a motivação ética, como propõe o mesmo autor, pois para compreender o comportamento ou sentimento moral de uma pessoa, é necessário e relevante compreender a motivação ética que a levou a agir de tal forma, mais uma vez identificamos no plano ético as ações no plano moral. Sendo assim, esse despertar para a moralidade acontecerá em todas as crianças? Pode ser que sim, todas têm potencial para isso, mas, ao mesmo tempo, soma-se a importância da pessoa que estaria junto a criança para estimular ou levá-la a desenvolver esse potencial. Dividimos então as responsabilidades, como vemos a seguir.

[...] pode acontecer, por exemplo, de a criança não encontrar pessoas que desempenhem um papel social de autoridade (fato que parece ser frequente, hoje em dia). Pode também acontecer de as pessoas que desempenham esse papel não serem vistas como merecedoras de confiança, pode acontecer de a expansão de si próprio ser tão desprezada pelos adultos, e as manifestações de indignação reprimidas, que as regras morais apareçam como totalmente desagradáveis para a criança. (LA TAILLE, 2006, p.132) Grupos cada vez maiores, aquilo que é bom para nós, começamos a aprender a fazer, no mundo, o que é bom para a humanidade (MENIN, 1996, p.46-47).

Sabemos a importância da figura do adulto, de um adulto bem capacitado para compreender e atuar junto a essas crianças e jovens, notadamente eles também podem ocupar um lugar de adversário nas relações, não é isso que se espera, mas pode acontecer.

A confiança em outras pessoas não desaparecerá, mas deixará de ser condição necessária para o agir moralmente. A sensação que a criança sentirá a indignação de perceber e sentir que seus direitos estão sendo violados, poderá também ser percebida quando saindo de si e experimentando na vida do outro, que os direitos dele também estão sendo desrespei-





artigo

tados. Sentir a mesma indignação, isso mostrará que o sujeito está desperto para o senso moral, onde não só o que acontece comigo me incomoda, as primeiras noções de moral construídas penetraram na minha personalidade, os planos morais e éticos se articulam, se for construído, lógico, portanto uma personalidade ética. (LA TAILLE, 2006)

Voltando ao início desse artigo quando me reporto à indisciplina, as incivildades, as queixas principais dos educadores. Disciplina remete às regras, às normas, à mera obediência, portanto quando não são obedecidas precisamos refletir sobre as causas dessa desobediência. Podemos compreender a transgressão de forma ampla, podendo haver até um clamor por justiça, considerando que o infrator seja um sujeito de moral autônoma, pode também haver uma demanda por generosidade, já que sabemos que o conteúdo das regras como já foi dito anteriormente, chegam as mais absurdas imposições. Todos esses fatores nos remetem ao fato de a escola ser considerada pelos jovens como injusta, embora as representações de justiça e injustiça sejam por eles concebidas de maneira rasa, existe um clamor que precisa ser considerado.

[...] a criança começa a respeitar direitos alheios essencialmente graças aos ensinamentos das figuras de autoridade. Em compensação, ela está espontaneamente atenta ao que considera, com ou sem razão, ser a ela devido. Pode-se dizer, portanto que desde cedo a criança mostra ter um esboço de senso de justiça. (LA TAILLE, 2009, p.304)

As ideias de Tognetta (2007) complementam o que foi dito anteriormente, ressaltando que existe um sentido para a vida escolar quando as crianças e adolescentes participam efetivamente do planejamento de suas ações, quando podem escolher, fazer o que decidiram e escolheram, avaliam suas condutas, há sentido na vida quando no lugar de ser tratado com castigo e punição, são levadas a pensar nas suas condutas, as punições e os castigos tiram o sentido, causam revolta ou até apatia. Existe sentido na vida quando são percebidos, compreendidos, podendo assim, também compreender o outro e formar uma humanidade mais virtuosa.

Segundo La Taille (2006) o desenvolvimento moral corresponde a uma progressiva integração da moral à persona-

“Elementos intelectuais e afetivos, num primeiro momento, aparecem isolados, se entrelaçam a partir das possibilidades, do desenvolvimento moral, de certas coordenações”

lidade, segundo Piaget a cooperação promove e também reforça a moral autônoma, porque neste tipo de relação social a criança investe sua personalidade no despertar do senso moral. Elementos intelectuais e afetivos, num primeiro momento, aparecem isolados, se entrelaçam a partir das possibilidades, do desenvolvimento moral, de certas coordenações, todo esse movimento acontece no curso do desenvolvimento da criança e de sua moralidade, essas coordenações irão se integrar à personalidade. Articular o plano moral e ético nos leva a expressão personalidade ética, pois a ética engloba a moral, a expansão de si, o sentimento de obrigação, de dever e também de autorrespeito.

Falarei novamente no convívio escolar, pois é aqui que todos esses emaranhados de situações supostamente acontecem, e desses acontecimentos retiram-se as mais variadas sensações, experiências de vida e resultados. Não é possível superar aquilo que não se tem, ou querer aquilo que não se





artigo

criou, já foi dito anteriormente, personalidade ética e moralidade não são espontâneas, e sim construídas.

O convívio no espaço escolar é imprescindível para o desenvolvimento moral da criança, e que também o é para a dimensão afetiva da moralidade. Sabemos que a heteronomia é uma fase, esta que é anterior e que não deve ser pulada, nem ignorada, agir como se as crianças pequenas fossem autônomas é um grande equívoco. O mesmo erro pode acontecer quando se age imperativamente, pelo princípio da obediência, com crianças e jovens autônomos, é importante que o educador faça, desde muito cedo, pequenos incentivos à cooperação, mas deixando claro o seu papel de autoridade, ele é essencial. (La Taille, 2009)

O juízo moral do professor e o ambiente sociomoral da sala de aula são fatores que influenciam diretamente. Professores construtivistas e que apresentam nível de julgamento moral mais elevado, propiciam um ambiente escolar mais cooperativo e também o contrário acontece, professores com nível de julgamento moral mais inferior favorecem ambientes menos cooperativos. Portanto, fica claro e muito significativo a importância da formação, do aperfeiçoamento do professor, pois cabe ao mesmo favorecer o ambiente para que este seja cooperativo e para que as crianças se desenvolvam plenamente, apresentando um progresso no desenvolvimento do juízo moral. (Vinha, 2000)

La Taille (2009) nos diz que o educador precisa acolher e valorizar o convívio escolar, que este seja um lugar de desabrochar, que estes tempos escolares sejam tempos de desabrochar os princípios morais, que os educadores não permitam que as regras engessem os princípios morais, as virtudes, a generosidade. O mesmo autor afirma que falta o incentivo à generosidade, falta admiração a essa virtude, em lugar disso se sobrepõe competições intelectuais e esportivas em demasia, assim não há como a simpatia se alargar, ela se define, como nos afirma o mesmo autor a seguir:

"E como para valer a pena ser vivida, a vida também deve ser "vida boa", uma educação para uma "cultura do respeito de si" deve vir acompanhada de uma educação para a "cultura do sentido"."
(LA TAILLE, 2009, p.307)

O mesmo autor complementa que em escolas que são instituições onde se experimenta o sentimento de justiça, onde existem relações de cooperação, onde as virtudes são valorizadas, onde os sentimentos morais são acolhidos, nesta escola os alunos têm grandes chances de se convencerem de que a vida vale a pena ser vivida para e com o outro, grandes chances inspiradoras para o respeito de si e respeito pelo outro. (La Taille, 2009)

Em resumo, sabemos o quão é importante e rico o ambiente escolar, as vivências experimentadas neste espaço têm a condições de inspirar sucesso por toda a vida, mas também pode inspirar fracassos. Todavia, precisamos transformar e transpor esse espaço, fazer dele um espaço de virtudes, que seja um campo de cuidado, cuidar do convívio escolar é inspirar as ações e condutas, por intermédio de toda a comunidade escolar, todos precisam participar, pois as situações conflituosas acontecem dentro e fora da sala de aula. Valorizar amizades, valorizar a cooperação, a solidariedade e chamar a atenção para esta face bonita da vida e seriam o educar, o construir o princípio do respeito, do respeito à vida.

“ sabemos o quão é importante e rico o ambiente escolar, as vivências experimentadas neste espaço têm a condições de inspirar sucesso por toda a vida, mas também pode inspirar fracassos. Todavia, precisamos transformar e transpor esse espaço, fazer dele um espaço de virtudes ”



artigo

Referências bibliográficas

CORTELLA, Mario Sergio, LA TAILLE, Yves. NOS LABIRINTOS DA MORAL. Campinas, SP: Papirus 7 Mares, 2013.

DEMO, Pedro. Grandes pensadores em educação – O desafio da aprendizagem, da formação mora e da avaliação. Pedro Demo, Yves de La Taille e Jussara Hoffmann, Porto Alegre: Mediação, 2010

GOERGEN, Pedro. EDUCAÇÃO MORAL HOJE: CENÁRIOS, PERSPECTIVAS E PERPLEXIDADES. Educ. Soc., campinas, vol.28, n.100 – Especial p. 737-762, out.2007. Disponível em [HTTP://www.cedes.unicamp.br](http://www.cedes.unicamp.br). Acesso em outubro de 2013.

LA TAILLE, Yves de. MORAL E ÉTICA – DIMENSÕES INTELECTUAIS E AFETIVAS. Porto Alegre: Artmed, 2006.

_____. FORMAÇÃO ÉTICA – DO TÉDIO AO RESPEITO DE SI. Porto Alegre: Artmed, 2009.

_____. “Nossos alunos precisam de princípios, e não só de regras” Revista Nova Escola. Edição 213, junho/julho de 2008. Disponível em <[HTTP: revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/fala-mestre-yves-la-taille](http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/fala-mestre-yves-la-taille). Acesso em novembro de 2013.

MENIN, Maria Suzana de Stefano. Cinco Estudos de Educação Moral/ Jean Piaget, Maria Suzana de Stefano Menin, Ulisses Ferreira de Araújo, Ives de La Taille, Lino de Macedo (org.) São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

PIAGET, Jean. O juízo moral na criança. Tradução: Elzon Lenardon. São Paulo: Summus, 1994.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino. É possível superar a violência na escola? CONSTRUINDO CAMINHOS PELA FORMAÇÃO MORAL/ Luciene Regina Paulino Tognetta, Telma Pileggi Vinha, (organizadoras). São Paulo: Editora do Brasil: Faculdade de Educação Unicamp, 2012.

_____. VIRTUDES E EDUCAÇÃO – O DESAFIO DA MODERNIDADE. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2007.

VINHA, Telam Pileggi. O educador e a moralidade infantil: uma visão construtivista. Campinas, SP: Mercado das Letras: São Paulo: Fapesp, 2000.

VINHA, Telma Pileggi, TOGNETTA, Luciene Regina Paulino. CONSTRUINDO A AUTONOMIA MORAL NA ESCOLA: os conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores. Rev. diálogo Educ., Curitiba, v.9, n.28, p.525-540, set./dez.2009.



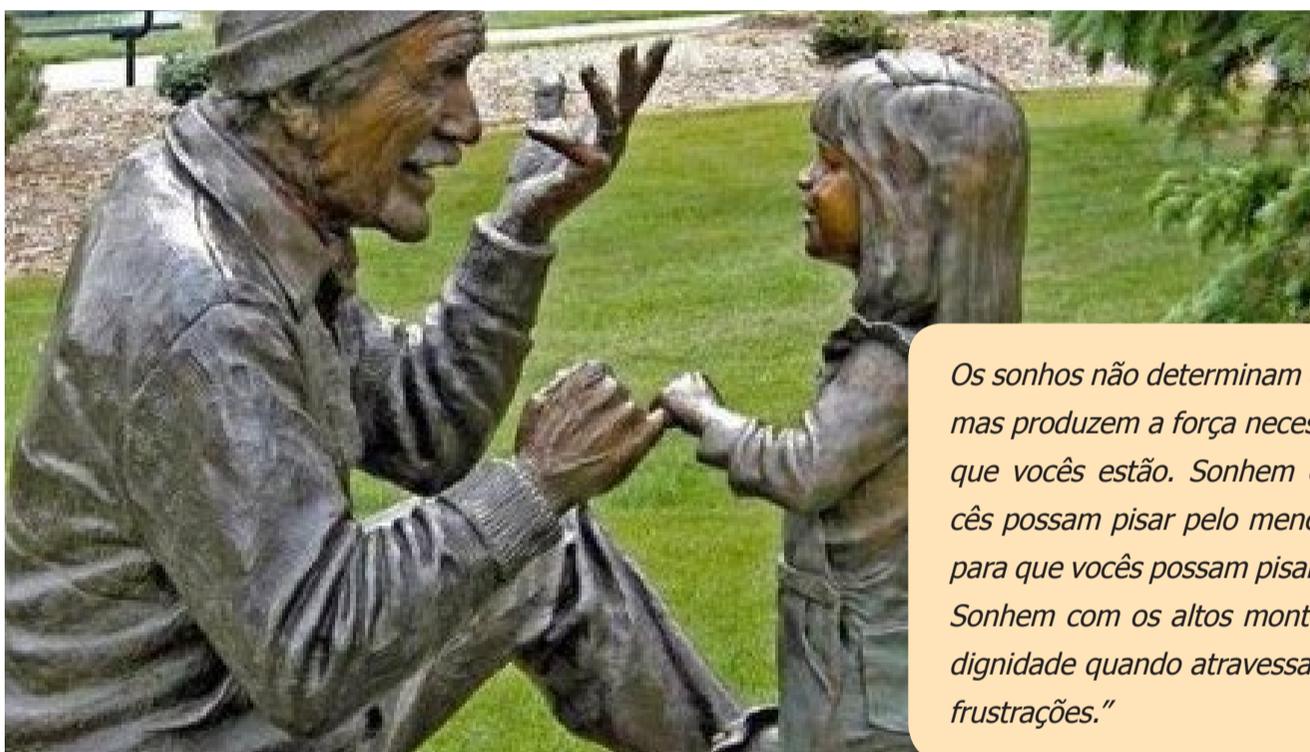
GRAZIELLA DINIZ BORGES

Professora do Ensino Fundamental I do Colégio Cristo Rei
Psicóloga, Psicopedagoga e Mestranda em Educação na UNESP



O Ser e o Viver do Educador hoje

Reflexões para quem tem orgulho de educar



própria história e constrói seus próprios caminhos. É muito bom te ver vibrando e se emocionando com a arte de educar.

Tem um texto do Augusto Cury, que diz:

Os sonhos não determinam o lugar onde vocês vão chegar, mas produzem a força necessária para tirá-los do lugar em que vocês estão. Sonhem com as estrelas para que vocês possam pisar pelo menos na Lua. Sonhem com a Lua para que vocês possam pisar pelo menos nos altos montes. Sonhem com os altos montes para que vocês possam ter dignidade quando atravessarem os vales das perdas e das frustrações."

Para sermos educadores não precisamos ser pessoas perfeitas, mas alguém que tenha a serenidade em ser, sensibilidade para aprender e amor para partilhar. Você que vive experiências como educador, com certeza está emocionado com essa vivência, por que você faz isso de corpo e alma. Sabe aprender com os colegas professores, mas acima de tudo, sabe aprender com as crianças e adolescentes. Você se entrega com o melhor de você a esses queridos educandos. Por isso, quero, em nome dos educandos, te agradecer pelo trabalho, esforço, dedicação, profissionalismo, carinho e amor. Sabe, esse "amor de educador" é um dos sentimentos que invade e toma conta do nosso coração, nos arrepia e nos emociona.

O que faz um ser humano melhor não está no quanto ele sabe, mas no quanto ele tem consciência que não sabe e, com isso, se põe a caminho para se tornar o melhor possível, tanto na nossa vida pessoal como na profissional. Isso você já está fazendo. É muito bom ver você acreditando em si, nos seus dons e buscando se tornar sempre melhor. Fico muito feliz com isso, pois o nosso destino não é frequentemente inevitável, mas uma questão de escolha. Quem faz escolhas escreve sua

Por isso, não deixe nunca de sonhar, de buscar aquilo que você realmente acredita. Faça a sua parte, não faça o mais fácil, faça o melhor, que tudo no seu devido tempo, acontece.

Queira aprender sempre, como está fazendo, pois como dizem os sábios:

Uma pessoa inteligente aprende com os seus erros, uma pessoa sábia vai além, aprende com os erros dos outros, pois é uma grande observadora.

Nós só aprendemos a multiplicar quando aprendemos a dividir, só conseguimos ganhar, quando aprendemos a perder, só conseguimos receber, quando aprendemos a se doar. Essa é uma grande missão e um importante compromisso de um educador. Acredite, você tem tudo para ser essa pessoa, esse educador. Acredite na sua sensibilidade e potencial para viver o belo desafio de educar as crianças e jovens para a vida plena.

Outra questão, precisamos cultivar o nosso amor de educadores. Pois, sem amor, a vida se torna um rio sem nascente, um mar sem ondas, uma história sem aventura! Mas, não



coluna

podemos esquecer, que para amar os outros, em especial os educandos, primeiro precisamos ter um caso de amor com nós mesmos. Pode ter certeza, você coloca esse amor na relação com os educandos, eles percebem e se tornam pessoas melhores.

Você já sabe muitas coisas, acredite, mas sempre terá um bom caminho pela frente, para aprender mais como ser um bom professor e um bom educador, pois ensinar e educar são palavras que podem ter significados bastante diferentes. Alguém que ensina alguma coisa simplesmente diz o que deve ser feito e mostra como fazê-lo, já um educador é aquele que, mais do que ensinar, mostra o sentido daquilo que está sendo dito e estimula quem está aprendendo, com prazer e criatividade.

Como educadores não damos respostas, mas sim ensinamos o estudante a chegar até elas, fazendo-o pensar e criar conhecimento. Um bom educador é aquele que pensa em qual será a melhor forma de conduzir as suas aulas de forma a chamar a atenção dos estudantes e torná-las mais significativas. O educador escuta e aprende com os alunos. Pense, quantas coisas você aprendeu e ressignificou no dia a dia com as crianças e adolescentes. É uma experiência significativa e de entrega, por isso é bom para você e para os alunos (é só lembrar o carinho que eles têm com você). Como diz Augusto Cury

Ser educador é ser um poeta do amor. Educar é acreditar na vida e ter esperança no futuro. Educar é semear com sabedoria e colher com paciência.

Para sermos bons educadores, precisamos trabalhar basicamente três áreas: Conhecimento – pois uma das principais características de um profissional de educação, por excelência, é o domínio de determinados conhecimentos. Portanto, nesse aspecto, há uma ligação entre conhecimento, o ato de ensinar e a aprendizagem dos alunos. Habilidades - Um educador precisa desenvolver, ao longo do exercício da carreira no magistério, habilidades específicas para a profissão, como, por exemplo: boa oratória; boa capacidade de comunicação; domínio de sala; ter uma dinâmica envolvente; clareza de raciocínio; tranquilidade, para lidar com todos os desafios, nos mais diversos segmentos e faixas de idade, entre muitas outras. Por fim, Atitudes - Nossas atitudes no dia a dia devem contribuir para a prática dos conhecimentos e habilidades, é nossa postura de serenidade, justiça, acolhimento e amor com todo o processo

“SER um bom EDUCADOR é... transmitir conhecimentos e valores; cultivar o amor e as amizades; ser convicto de acertos e de erros; ser construtor de seres e de vidas”

educativo. É o que vivemos e queremos que os alunos vivam no ambiente escolar e na sociedade. O melhor educador não é o que controla, mas o que liberta. Não é o que aponta os erros, mas o que os previne. Não é o que corrige comportamentos, mas o que ensina a refletir. Não é o que desiste, mas o que estimula a começar de novo. Claro que encontramos dificuldades nessa missão, mas todas são superáveis para quem acredita: nas crianças, na educação e na construção de uma sociedade mais justa. Continue desenvolvendo as qualidades necessárias e o entusiasmo para essa missão.

SER um bom EDUCADOR é ... transmitir conhecimentos e valores; cultivar o amor e as amizades; ser convicto de acertos e de erros; ser construtor de seres e de vidas; edificar, movido pela razão e pela emoção; carregar no peito o orgulho de educar; guardar e cultivar os valores para a felicidade e realização dos sonhos dos alunos; buscar se autorrealizar, para atingir sua plenitude humana; possuir potencialidades, reconhecendo sua fraqueza, para se tornar sempre melhor; e ter sabedoria, que se traduz em exemplos, que transformam vidas e realizam sonhos. É... esse é o valor de ser educador. Você vê... com essa missão, você vai mudar pessoas e melhorar nosso mundo.

Prezado educador, quando comecei a dar aulas, logo percebi que para ser um bom educador era preciso muito mais que conhecimento. Era preciso ser humano e, jamais supervalorizar o intelecto e a razão em detrimento do amor e da emoção. Me apaixonei pela educação, porque via a possibilidade de ajudar pessoas a ter mais oportunidades no futuro. Afinal de contas, muitos estudantes talvez tenham apenas a escola para dar esse suporte.

Sabe, quanto mais aprendemos, mais devemos nos tornar humildes, porque compreendemos que precisamos aprender sempre mais. Aprender mais, para ser e servir melhor. Pois



coluna

pretendemos, no futuro, olhar para trás e ter a sensação de missão cumprida. Saber que os estudantes que passaram por nós vão ser pessoas melhores e dignas e que possam dar continuidade ao projeto de uma sociedade que sonhamos, melhor para todos.

Nisso, acredito nas palavras de Rubem Alves:

Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma, continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais...

Como educador, você abraçou e acolheu, estimulou e incentivou, orientou e conduziu, aplaudiu e vibrou, com o crescimento de todos os educandos. Parabéns por todo empenho e dedicação.

Por isso tudo, veja cada dia como uma oportunidade, um começo, mais um passo de uma longa e vitoriosa caminhada na educação!

Continue pensando e fazendo boas escolhas, acreditando em você, sendo verdadeiro, estudando sua área de interesse, tendo paciência para aprender, aceitando críticas, observando os outros professores, se dedicando bastante e, especialmente, vivendo sua missão de educador com muito amor.

Você merece um futuro feliz e se realizar profissionalmente.

Estou torcendo por você. Estamos juntos!

Com todo meu carinho, um forte abraço.

Alguém, também tentando ser um bom Educador!

*"A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. Ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria."
(Paulo Freire).*



ÉDIO JOÃO MARIANI
Diretor Geral
Colégio Cristo Rei

experiência



A evolução do Inglês no Colégio Cristo Rei

Um grande passo rumo à inserção real dos nossos alunos ao mundo global

Agregar múltiplas competências e habilidades são determinantes para se destacar em um cenário cada vez mais competitivo. É neste ponto que a fluência em idiomas estrangeiros e conhecimentos globais podem fazer a diferença, visto que as relações pessoais, o mundo dos negócios e o trânsito de informações não estão mais definidos pelos limites geográficos. Sendo assim, além da esfera local, regional e nacional, torna-se imprescindível contemplar a perspectiva internacional.

A Língua Inglesa é hoje uma ferramenta de acesso, ou seja, para a maioria dos estudantes, ressaltando apenas os que quiserem buscar uma carreira como professores do idioma, o inglês é uma maneira de expor seus pensamentos, desejos, objetivos e, futuramente, seus conhecimentos específicos nos universos acadêmico e profissional.

Devido a todo esse cenário, a abordagem do Inglês dentro de sala de aula vem mudando em várias escolas que são referência em qualidade de ensino no país. Por esses fatores, o Colégio Cristo Rei iniciou, em 2015, o novo ensino da Língua Inglesa na grade curricular para alunos do Infantil I ao 9º ano.

A proposta não se limita ao inglês "turístico". O trabalho segue o mesmo método aplicado com os estudantes de países de língua inglesa, favorecendo o domínio do idioma em sua ple-

nitude. Em todos os níveis de ensino, as aulas são ministradas por professores com ampla experiência em cursos de línguas e com certificados reconhecidos internacionalmente.

Além disso, para que nós pudéssemos concretizar esta transformação com propriedade, foi necessário mudar aspectos-chave da proposta anterior. Dentre todas as mudanças des-



tacamos como mais importantes as seguintes: carga horária, material didático, abordagem e nivelamento. Isso se fez necessário pois o nosso foco é habilitar os alunos para que eles possam adquirir fluência em Inglês sem a necessidade de auxílio



experiência

extra escola.

Do ponto de vista pedagógico, o ensino da Língua Inglesa também passou por inúmeras mudanças desde o método estrutural, audiovisual, abordagem comunicativa, entre outros. Atualmente, seguindo padrões europeus, o CLIL (Content and Language Integrated Learning), que nada mais é que a integração de conteúdos e do idioma para promover o aprendizado, tem se mostrado extremamente eficiente para um aprendizado duradouro. O Idioma vem inserido em conteúdos relevantes e o aprendizado de ambos ocorre naturalmente e simultaneamente.

O processo cognitivo apresenta vários graus de uso do idioma, dentre eles, podemos apresentar os seguintes: lembrar-se, entender, aplicar, analisar, avaliar e criar, sendo o lembrar o que demanda menor grau de habilidade com a língua e o criar, o maior. Quanto mais relevante for a apresentação do idioma, mais complexos serão os processos cognitivos apresentados por esses alunos.

Na educação Infantil, contamos ainda com uma janela crítica para o desenvolvimento da linguagem que ocorre principalmente entre os 2 e 5 anos de acordo com pesquisadores da King's college London e da Brown University que estudaram 108 crianças com idade entre 01 e 6 anos. Neste período a criança ainda está construindo o vocabulário na sua língua nativa, sendo assim o vocabulário do segundo idioma é armazenado no mesmo local do cérebro, tornando a aprendizagem mais natural. Essa pesquisa nos mostra que a inserção do aluno em um ambiente bilíngue nessa idade aumenta exponencialmente as chances desse aluno se tornar um adulto bilíngue.

De acordo com a revista eletrônica The Economist, pessoas bilíngues demonstram ter mais foco e atenção em tarefas mentais específicas, independente de distrações externas.

As crianças do Infantil I e Infantil II têm 3 aulas de inglês por semana. Essas aulas compõem o horário escolar regular e são utilizados materiais próprios elaborados especificamente para se relacionar à proposta pedagógica desenvolvida na Educação Infantil. Dessa forma, os pequenos alunos estão vivenciando o novo idioma com naturalidade, entendendo-o como parte de seu processo de aprendizagem. As aulas de inglês, assim como as demais atividades deste ciclo, são repletas de descobertas, brincadeiras, momentos lúdicos, tudo para que o aprendizado do idioma seja significativo e faça parte da vida do aluno desde os primeiros anos.

Nosso projeto teve início no começo deste ano e pudemos observar que embora todas as ações adotadas tenham tido uma importância muito grande para os resultados obtidos até agora, o aspecto que talvez tenha sido o grande facilitador de nosso trabalho foi o nivelamento feito com os alunos do Ensino Fundamental II

Para este processo, foi aplicada uma prova para cada aluno a fim de identificar seu conhecimento prévio do idioma, especialmente porque muitos dos nossos alunos cursam Inglês fora da escola. Baseados nessa prova pudemos segmentar as turmas, levando em consideração o grau específico de conhecimento do aluno dentro de cada série escolar. Isto nos propiciou grupos mais homogêneos com necessidades similares, o que tem enriquecido bastante o trabalho de nossa equipe.

O projeto do novo Inglês do Colégio Cristo Rei se integra harmoniosamente com outras iniciativas do Programa Cristo Rei Internacional, tais como o High School, que é o Ensino Médio Americano cursado sem a necessidade de deixar o país; o departamento de intercâmbio que promove viagens culturais internacionais e orientação vocacional com foco em universidades americanas.

Nosso trabalho está apenas no início, pois nosso objetivo é a longo prazo, mas quando observamos o quanto já foi realizado nesses primeiros meses e o quanto já tivemos de retorno de nossos alunos, é que percebemos que estamos no caminho certo rumo à proficiência em Inglês, tornando nossos educandos aptos a utilizar essa ferramenta tão essencial ao longo de suas vidas.

Esta reconfiguração das aulas de inglês está diretamente relacionada à constante atenção do Colégio Cristo Rei à qualidade de ensino e à formação integral de seus educandos. Com este inovador ensino da língua inglesa dentro da escola, o Colégio Cristo Rei proporciona que seus educandos tenham o aprendizado pleno, construído ao longo de toda sua vida escolar.

ANDRÉ ZIMMERMANN
Coordenador do Programa Cristo Rei
Internacional



opinião



“Quando o Educador Adoece”



Em meio a greves, protestos e luta por uma classe politicamente desvalorizada em nosso país, surge a figura do Educador. Mais que brigar pelo direito de salário digno e melhores condições de trabalho, tal movimentação traz à tona a discussão de quem é essa figura que nos dias de hoje desdobra-se para assegurar o mínimo de conforto para si e sua família. Porém, garantir esse conforto não significa a garantia de melhor qualidade de vida.

Precisando cumprir jornadas triplas de trabalho, alguns profissionais da educação chegam a trabalhar 13 horas por dia, 5 dias por semana. Toda essa jornada leva o organismo a um nível de saturação física e mental favorecendo o desenvolvimento de doenças psicossomáticas, depressão e em casos mais graves, a *Síndrome de Burnout*.

A Organização Mundial da Saúde define o termo saúde como o bem estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doenças.

Num contexto selvagem quando observamos imagens e cenas de animais lutando contra seus predadores por sua sobrevivência, nem sempre imaginamos as transformações orgânicas que se passam ali. O cérebro da presa envia uma mensagem ao seu sistema nervoso simpático que, por sua vez, ativa as glândulas suprarrenais. A adrenalina, hormônio do estresse passa a ser secretada no sangue e, em poucos segundos, o organismo passa por aproximadamente 1400 reações físico-químicas. Tudo isso para que o agora “super-animal” consiga sair ileso do ataque de seu predador.

Diferentemente de animais selvagens, o estresse humano, em geral, é mental. Raramente precisamos lutar pela nossa sobrevivência, ou escapar das garras de um predador. Porém, o simples fato de pensarmos em nosso chefe poderá desencadear em nós as mesmas reações. Muito do nosso estresse está relacionado à nossa autoimportância. Sendo assim, nosso estresse é emocional e social.

Podemos compreender o estresse como uma resposta do organismo com componentes psicológicos, físicos e hormonais que ocorrem quando surge uma necessidade de adaptação grande ou de um evento de grande importância. Podendo este evento ser positivo ou negativo.

O estresse negativo é estresse em excesso e ocorre quando a pessoa ultrapassa seus limites e esgota sua capacidade de adaptação. Há alteração na produção de nutrientes, redução da energia mental levando a prejuízos na capacidade de trabalho e danos na qualidade de vida.

Estresse positivo pode ser compreendido como a fase de alerta. Momento em que o organismo produz adrenalina que dá ânimo, vigor e energia. Possibilitando maior produtividade e criatividade.

Por conta das reações físico-químicas que estão relacionadas ao nível de estresse, podemos compreender que as consequências também serão sentidas em nosso organismo. Afinal, nem sempre conseguimos metabolizar todas as substâncias produzidas, sem antes produzirmos novamente cada vez que, mentalmente nos percebemos em uma situação de estresse. Alguns sintomas tornam evidentes essa percepção: tensão muscular, dores de cabeça, dores de estômago ou gastrite, pressão alta, taquicardia, problemas dermatológicos, tonturas e baixa imunidade.

Nesse contexto, surge a “Síndrome de Burnout” caracterizada pelo estresse crônico vivenciado por profissionais de diversas áreas que lidam de forma intensa e constante com as dificuldades e



opinião

problemas alheios, nas diversas situações de atendimento.

O termo de origem inglesa é composto pelas palavras Burn que significa "queimar" e Out que quer dizer "fora". Pode ser compreendido como "Combustão Completa", que se inicia com os aspectos psicológicos e culmina em problemas físicos, comprometendo todo o desempenho da pessoa.

É um tipo de estresse ocupacional que acomete profissionais envolvidos com qualquer tipo de cuidado em uma relação de atenção direta, contínua e altamente emocional. As profissões mais vulneráveis são aquelas que envolvem serviços, tratamentos ou educação.

É um processo individual. Sua evolução pode ser lenta e seu surgimento é paulatino, cumulativo e progressivo em severidade. Raramente é percebido pelo indivíduo que, geralmente, não acredita que algo de errado esteja acontecendo com ele.

A Síndrome de Burnout é um construto formado por três dimensões que se relacionam, mas são independentes: exaustão emocional, despersonalização e diminuição da realização pessoal no trabalho.

Sua evolução compromete o ânimo e a disposição em ir ao trabalho. As relações entre os parceiros e colegas de trabalho passam a ficar tensas, há queixas de dores genéricas e imprecisas, lapsos de memórias, doenças psicossomáticas, uso de bebidas alcoólicas como paliativo, a fim de amenizar a angústia e o desprazer vivencial, pensamentos autodepreciativos e autodestrutivos, culminando com o comprometimento da prática laboral em que o afastamento do trabalho é inevitável.

'Burnout' em professores afeta o ambiente educacional e interfere na obtenção dos objetivos pedagógicos. Os profissionais podem chegar a um nível de alienação, apatia e desumanização, onde além dos problemas de saúde, podem desenvolver a intenção de abandonar a profissão.

Segundo Edelwick e Brodsky (apud Carlotto), os professores apresentam Burnout quando gastam muito tempo de seu intervalo denegrindo alunos, reclamando da administração, arrependendo-se de sua escolha profissional e planejando novas opções de trabalho. O autor ainda enfatiza que a educação pode ser associada ao Burnout, devido ao alto nível de expectativa desses profissionais, o qual não pode ser totalmente preenchido.

Contudo, vale lembrar que quando fazemos uma pausa com o intuito de nos conhecermos melhor, podemos compreender quando algo não vai bem e assim, buscar ajuda antes que

o mal maior se instale.

Alguns profissionais destacam a importância de adotar pequenos hábitos em nosso dia a dia como forma de combater o nível de estresse diário e consequentemente prevenir a Síndrome de Burnout.

Programar melhor as atividades, diferenciar competência de competição, realizar atividades físicas dirigidas, mudar o estilo de vida e principalmente, buscar qualidade nas relações interpessoais são atitudes positivas que favorecem a superação do estresse e nos garantem uma melhor qualidade de vida.

Talvez, compreendendo os danos que o estresse pode causar em nossa vida, quem sabe possamos olhar um pouco mais para nós mesmos para que não se efetive o que Altenberg escreveu:

"A doença é o grito de uma alma agredida".

Referências bibliográficas

A Síndrome de Burnout e o Trabalho Docente – Mary Sandra Carlotto
Burnout em professores: Identificação, tratamento e prevenção –
Chafic Jbeili

O que é estresse? Disponível em: www.bemdesaude.com
Síndrome de Burnout – Nathália Tomazela e Pollyanne P. Grolla

Síndrome de Burnout e fatores associados: um estudo epidemiológico
com professores – Mary Sandra Carlotto e Lílian dos Santos Plalazzo

Stress a seu favor: como gerenciar sua vida em tempos de crise –
Susan Andrews



GILSON CARDOSO

Formado em Psicologia pela Unimar, com Pós Graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo INDEP. Atua como Psicólogo Educacional no Centro Escola Municipal de Atendimento Educacional Especializado da Secretaria da Educação, Psicólogo do Ensino Fundamental II do Colégio Cristo Rei e atuação clínica.

resenhas

e sugestões



Como transformar a raiva, o medo e a depressão em energia positiva

Resenha do livro: Stress a seu favor Como gerenciar sua vida em tempos de crise

A Organização Mundial de Saúde (OMS) considera o estresse a "epidemia do século". Atualmente, 90% das consultas médicas se devem ao estresse.

Estamos todos sendo tão afetados pelo estresse - homens, mulheres, crianças e pessoas de todas as culturas, ricos e pobres, habitantes de cidades agitadas ou de bucólicas comunidades rurais que é hora de dar um basta em alguns dos mais populares mitos sobre o estresse e entender o que ele realmente é, e o que podemos fazer a respeito.

Afinal, o que é estresse?

São tantas as definições para o estresse que, às vezes, fica difícil saber realmente o que ele é. A definição, geralmente mais aceita, é a do Dr. Hans Seyle, que foi o primeiro a utilizar o termo "stress" (ele emprestou a palavra da engenharia, em que "stress" refere-se ao desgaste da matéria submetidas à constante pressão excessiva). O Dr. Seyle foi pioneiro na pesquisa do estresse na década de 1930, entenda como ele, literalmente, tropeçou no assunto!

Seyle estava pesquisando o sistema endócrino dos ratos, mas, por ser um tanto desajeitado, quando tentava injetar hormônios nos animais, muitas vezes eles escapavam de suas mãos, o que o obrigava a sair em seu encaço pela sala com uma vassoura, para colocá-los de volta nas gaiolas. Depois de meses passando por isso, Seyle verificou que os pobres ratos haviam desenvolvido úlceras pépticas, glândulas suprarrenais demasiadamente inchadas e um sistema imunológico combalido. Ele havia estressado seus ratos!

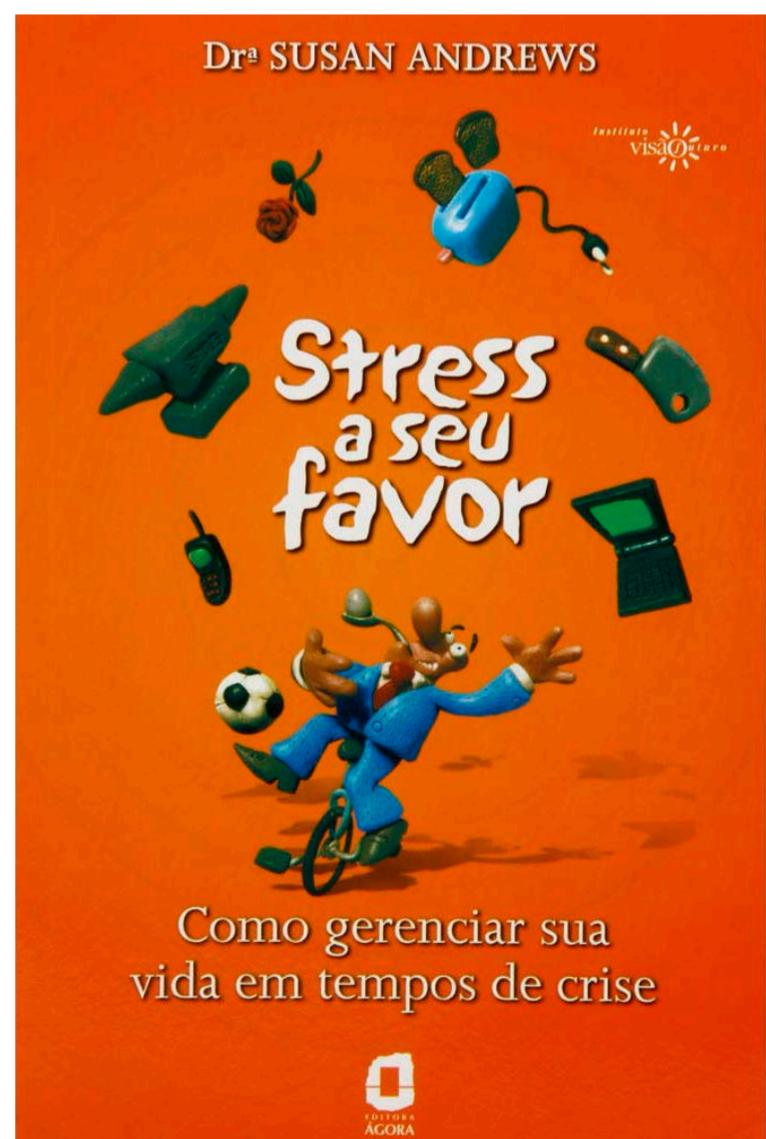
Foi assim que ele desenvolveu a definição clássica do estresse: "É a resposta do corpo a qualquer demanda quando forçado a adaptar-se à mudança". O que são essas mudanças e essa resposta ao estresse que Seyle descobriu?

A partir de uma linha de trabalho baseada numa síntese da visão oriental e ocidental, a Dra. Susan Andrews, monja, psi-

cóloga e ambientalista, autora do livro "STRESS A SEU FAVOR: COMO GERENCIAR SUA VIDA EM TEMPOS DE CRISE" mostra como transformar a raiva, o medo e a depressão em energia positiva e, dessa forma, encontrar o centro da estabilidade e da tranquilidade em cada um.

A autora explica como atitudes simples podem melhorar nossa vida, além de alertar para o estresse causado pela enchente de informações a que somos submetidos todos os dias e dá dicas de como lidar com isso.

Reflexos da crise global, econômica, ecológica, social, pessoal (interna), na família e no trabalho (externa), sem dúvida, nos colocam em perigo, por toda parte os acontecimentos nos envolvem direta ou indiretamente pelos meios de informações: guerras, instabilidade política e econômica, desemprego, au-





resenhas e sugestões

mento da pobreza e miséria, violência urbana, reações com origem no desequilíbrio emocional.

Mas também dentro dessa crise existe uma grande oportunidade para a transformação (Em Chinês, o termo "crise" é composto de duas palavras: "perigo" e "oportunidade"). A crise mobiliza energia, quebra antigas estruturas e padrões, provoca um despertar mais amplo de consciência. Uma nova estabilidade mais elevada, mais harmônica que a anterior.

O conteúdo do livro ainda introduz técnicas práticas para usar o estresse a nosso favor, como:

- Estimular o que os médicos chamam de, "a resposta de relaxamento" que diminui os hormônios do estresse e nos ajuda a transcender nossa raiva, medo, nervosismo e depressão;
- Como achar o centro de estabilidade e tranquilidade dentro de nós, para pensarmos e atuarmos com maior clareza e criatividade;
- Como responder às mudanças aceleradas nessa "era de incerteza" com nossas mentes abertas e flexíveis.

Assim o nosso estresse se transforma de, um prejuízo (gasto emocional e físico), de uma crise desesperada, para uma oportunidade positiva. Uma oportunidade para repensar e redefinir nossas vidas de uma forma mais sábia. Para estabelecer um equilíbrio harmonioso e desenvolver novas estratégias pessoais e sociais. Para perceber no fundo do coração, que o universo conspira a nosso favor.

Ficha Técnica

Título: Stress a seu favor:
Como gerenciar sua vida em tempos de crise
Autora: Dra. Susan Andrews
Editora: Ágora
Edição: 2ª
Ano: 2015
Idioma: Português
Especificações: Brochura
Formato: 14.00 x 21.00 cm
Número de Páginas: 112



MÁRCIO RODRIGO MARTINS
Designer Gráfico do Colégio Cristo Rei
Facilitador do projeto "Qualidade de Vida através do Yoga" na Organização Viver Espaço Ser

galeria de artes



Leitura de Imagem

Galeria de Artes - 6º ano

Depois de conhecerem um pouco sobre cor e terem trabalhado inicialmente com cores frias e quentes, os alunos dos 6º anos realizaram no 1º bimestre uma releitura de uma das obras de arte mais importantes e conhecidas no mundo, "O Grito", criada em 1893 por Edvard Munch.

A obra expressionista retrata a angústia e o desespero. Foram criadas quatro versões da pintura entre os anos de 1893 e 1910. O artista se inspirou em uma tarde quente em Oslo (capital da Noruega), onde as cores quentes por ele observadas no céu, lhes deram uma sensação de cansaço e de mal estar. Já a figura humana, representada com cores frias, lembra angústia e dor. O artista estava andando pela estrada com dois amigos e observava o por do sol com um céu vermelho sangue, foi quando sentiu uma brisa de melancolia e ficou paralisado, morto de cansaço. Seus amigos continuaram andando, mas Munch continuou parado, tremendo de ansiedade e sentiu o "grito da natureza" (nome original dado para obra).

Quase tudo representado na cena está torto, como se o Grito abalasse tudo, menos a ponte e as outras figuras representadas no canto esquerdo (supostamente seus amigos). A dor do grito não está presente apenas no personagem, mas também em todo o fundo representado, deixando a paisagem dolorosa também; sentimos a dor e o grito dado pelo personagem nos afetando diretamente como espectadores.



1ª Versão 1893

2ª Versão 1893

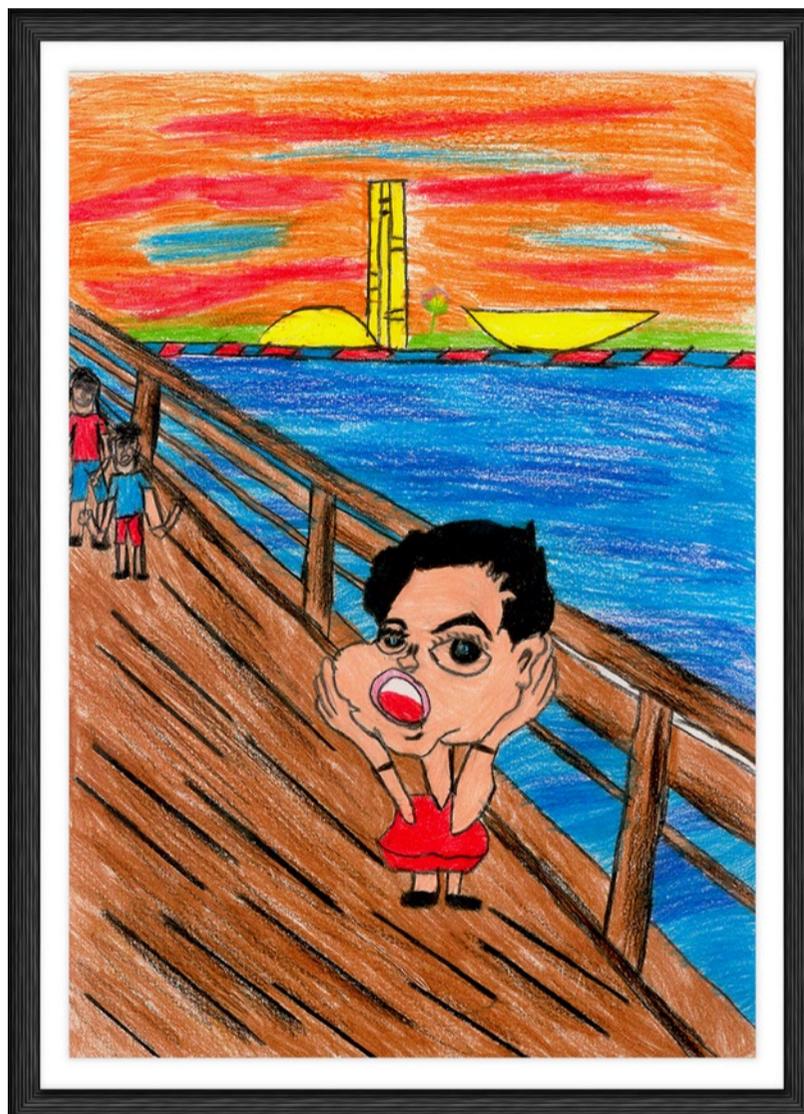


3ª Versão 1895

4ª Versão 1910



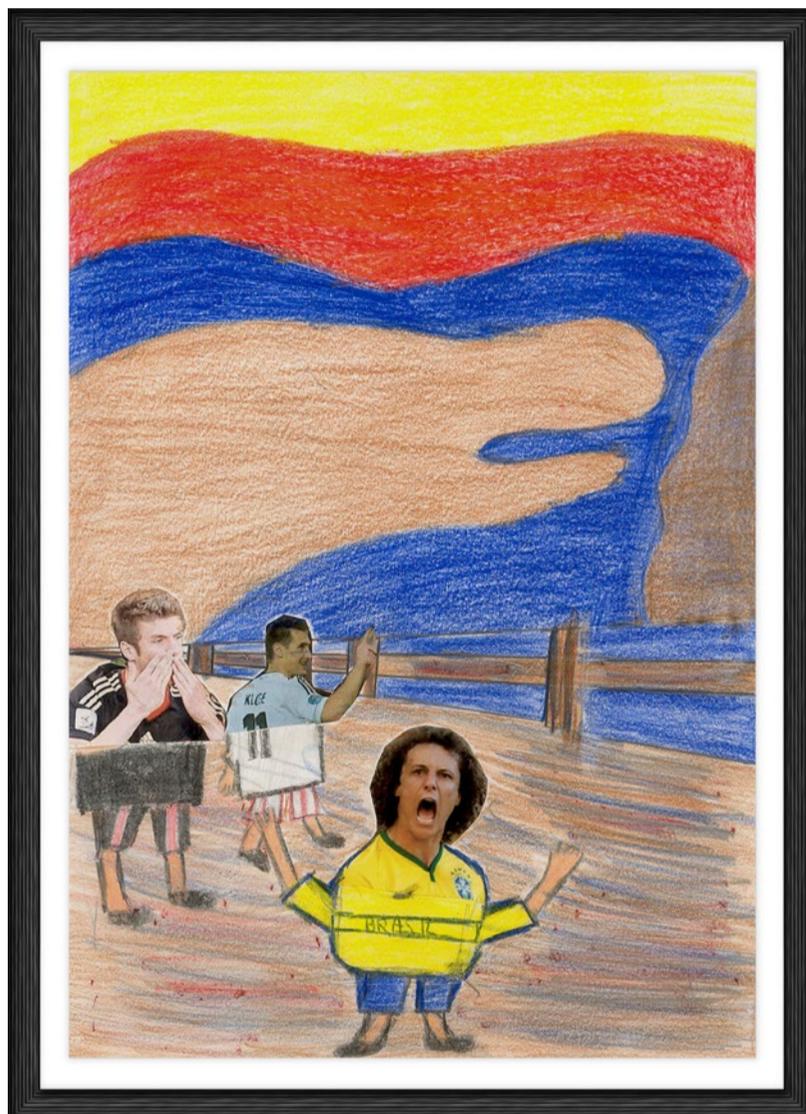
galeria de artes



No desenho do aluno Otávio Brandão Paredes do 6ºA, ele traz um tema atual, a luta por direitos e a revolta contra a presidente Dilma. Otávio representa nossa presidenta em forma de caricatura, o que ajuda a dar uma maior expressão de desespero em seu grito. Ao fundo, a paisagem é o Palácio do Planalto, palco de muitas manifestações. No canto esquerdo da composição, estão duas crianças, talvez Otávio prefira desenhar o povo representado por crianças, pois se inclui, junto com toda sua faixa etária, nesta reivindicação de direitos.



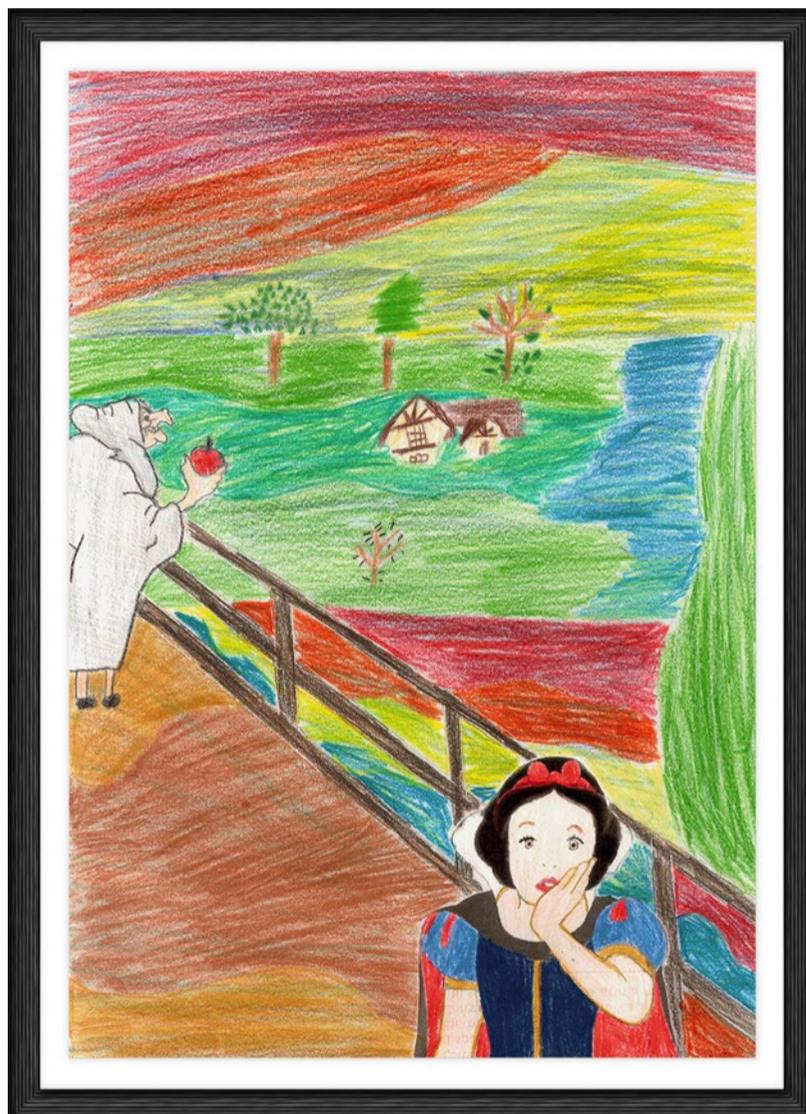
galeria de artes



Na releitura do aluno Henrique Castro Marino, também do 6º A, ele representa o desespero do jogador brasileiro David Luiz, e talvez de toda uma nação, com a derrota vergonhosa contra a Alemanha na copa de 2014. Henrique representa, através de colagem, dois jogadores da Alemanha no canto esquerdo de sua composição. Como personagem principal, com um grito de desespero, David Luiz representado também por uma colagem.



galeria de artes



Na releitura realizada pela aluna Laura Ferreira Almeida do 6ºC, ela se baseia no conto de fadas "Branca de Neve e os Sete anões" da Walt Disney. O desespero da personagem principal não vem do clima por ela percebido na natureza, mas sim da presença da bruxa que, observa a paisagem como se procurasse por algo ou alguém. A aluna fez uma bela interpretação da obra e conseguiu resolver muito bem a sua composição.

galeria^{de} artes



Zentangles

Galeria de Artes - 7º ano

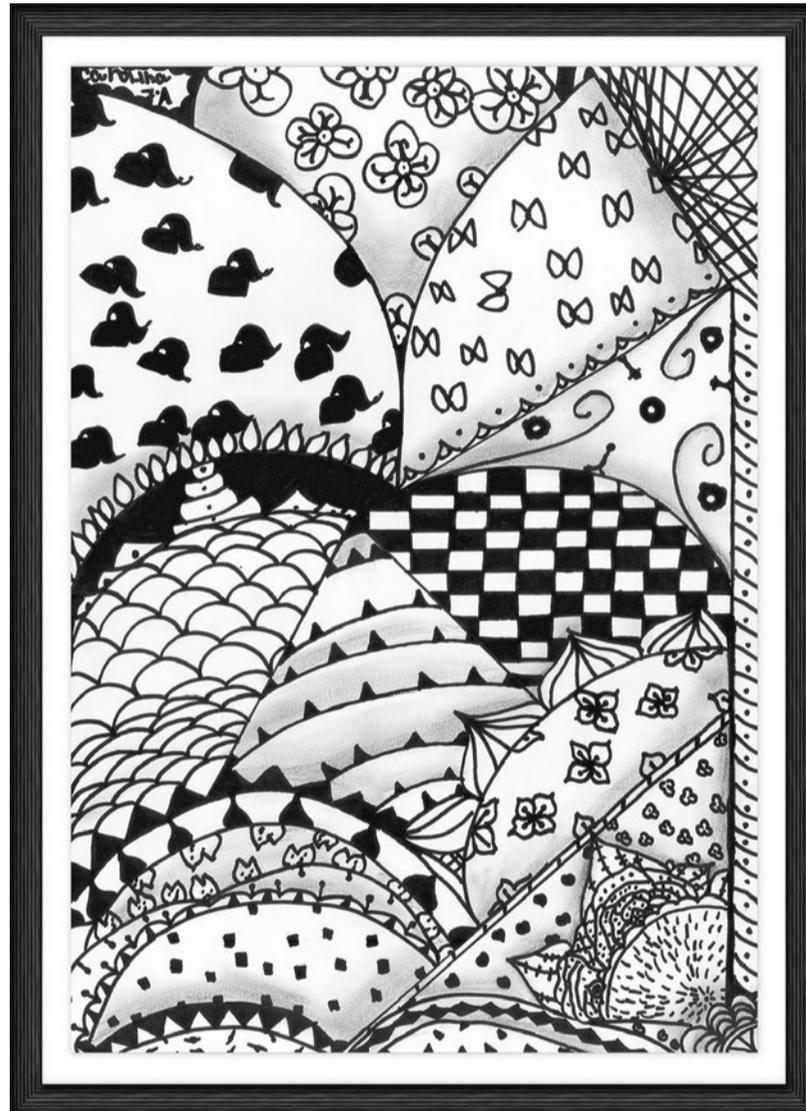
Após apresentar aos alunos dos 7º anos a técnica de perspectiva e luz e sombra, foi proposto um trabalho de desenho livre inspirado nos "Zentangles". Ao iniciarmos a proposta, os alunos ficaram um pouco preocupados e acharam meio complexo o trabalho, mas após seu início perceberam que era uma forma fascinante de fazer arte, fácil e divertida, pois a técnica estimula a atenção e a criatividade, além de uma enorme sensação de liberdade e bem estar.

Você pode criar "Zentangles" mesmo que esteja convencido de que não é um artista, ou de que não saiba desenhar. Criar "Zentangles" é tão divertido que se equipara a nova onda dos livros para colorir e livros de arte terapia, indicado para aliviar o estresse do dia a dia. Diferente de colorir algo pronto, é ainda mais gratificante criar os seus próprios desenhos: Colori-los também é possível e extremamente agradável.

Aprecie três obras de alunos:



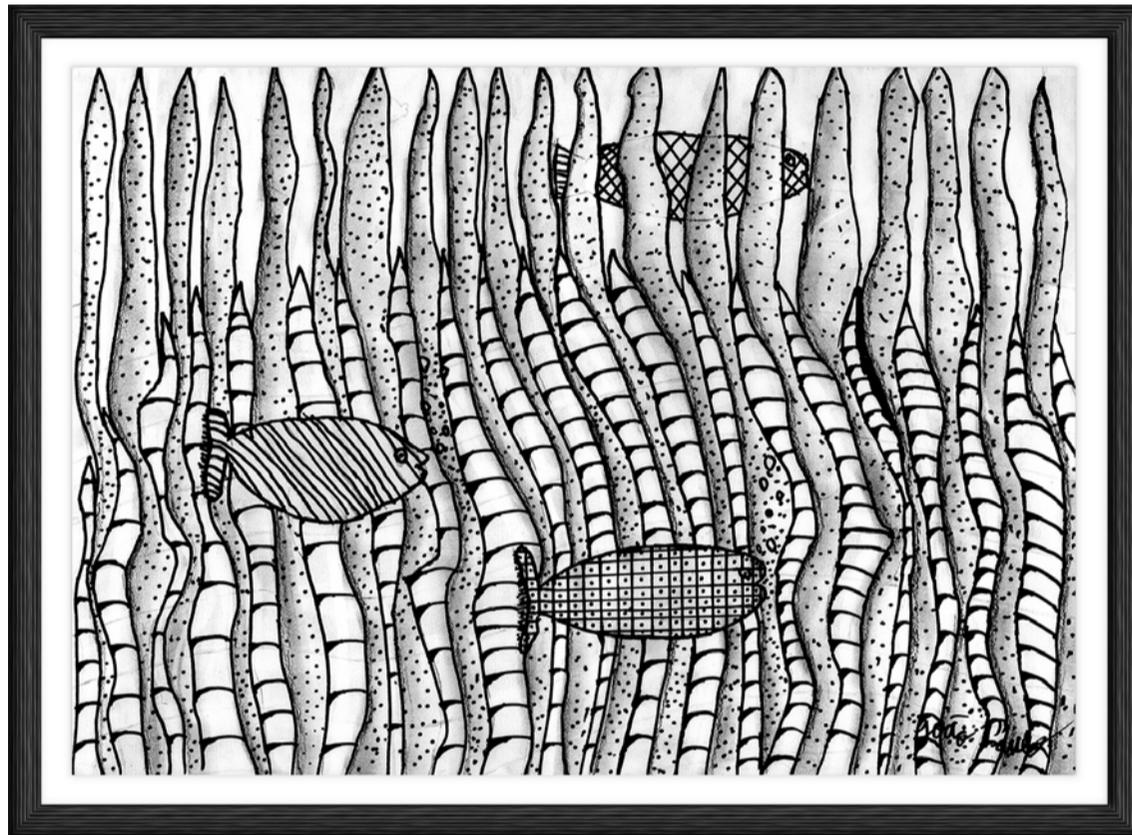
galeria de artes



Carolina Dias de Moura do 7º ano A.



galeria de artes



João Paulo Butara Modelli do 7º ano B.



galeria de artes



Cauê Meirelles Costa do 7º ano C.



PROFª. VANESSA DOS SANTOS RODRIGUES NAVARRO
Professora de Artes do Colégio Cristo Rei

redações

de alunos



- 39 Poema - O que é escrever?
Gabriel Rossi Ferreira da Cunha e Gabriel Barbosa de Souza
Alunos do 9º ano do Ensino Fundamental
- 40 Poema - A evolução da escrita
Gabriel Meyer Coracini
Aluno do 9º ano do Ensino Fundamental
- 43 Propaganda: Armadilha para crianças
João Vítor Rezende Carpi
Aluno da 1ª série do Ensino Médio



redações de alunos

Poema

Poema é uma obra literária que pertence ao âmbito da poesia. O texto pode ser apresentado ou redigido sob a forma de verso e estrofes.

PROPOSTA DE TEXTO

com base nesta definição, redija um poema sobre o ato de escrever.

O QUE É ESCREVER?

Escrever é uma coisa diferente que é impossível de explicar.
Na minha infância, quando eu era carente,
pegava o lápis e começava a desenhar.

Eu nunca gostei de estudar.
Escola, então, era uma complicação!
Só pensava em aula matar
e em ir para casa e soltar a imaginação.

Lá pegava o lápis e começava a pensar,
pois escrever é falar com as mãos.
Quem pega o lápis e só pensa em reclamar,
não sabe pensar e nem mostrar a emoção!

Gabriel Rossi Ferreira da Cunha
e Gabriel Barbosa de Souza
Alunos do 9º ano - Ensino Fundamental



PROFª. ELIANA N. DE LIMA PASTANA



redações de alunos

A EVOLUÇÃO DA ESCRITA

A escrita, ah!
A escrita ...
Como ela é importante.
Uma necessidade constante!

Na pré-história,
o homem já desenhava e escrevia.
Deixava suas marcas com símbolos e fazia
registros de descobertas e acontecimentos.

Depois, com lápis e papel na mão,
o homem evoluiu e o mundo descobriu.
Continuou escrevendo, deixando registros de histórias
que hoje contam e guardam memórias.

Agora, nos tempos modernos,
a escrita ficou veloz e sem voz.
Com um simples celular, o novo caderno,
escrevemos muitas mensagens.

Até imagens viram mensagens!
E, com apenas alguns segundos,
elas vão parar do outro lado do mundo!

Vivemos uma velocidade constante,
e isso faz da escrita uma necessidade constante.

Gabriel Meyer Coracini
Aluno do 9º ano - Ensino Fundamental



COMENTÁRIO DA PROFESSORA

O destaque destes poemas é a utilização adequada da linguagem poética (verso, estrofe e rimas), que dá ao texto grande efeito expressivo e articula as ideias numa sequência lógica e coerente. Com este recurso, observamos que os autores traduziram, de modo eficiente e até com certo lirismo expressivo, o que é escrever. É interessante considerar, também, a sensibilidade destes alunos ao abordar este tema de forma tão espontânea e poética, tecendo, inclusive, considerações pessoais sobre o ato de escrever.



PROFª. ELIANA N. DE LIMA PASTANA



redações de alunos



CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDIÇÃO DE 2014

O tema da redação do ENEM de 2014 tratou da Publicidade em questão no Brasil. Mais uma vez, o assunto que deveria ser abordado pelos candidatos, em um gênero dissertativo, não foi óbvio, embora o foco, novamente, tenha especificado a realidade brasileira e seguido a tendência dos últimos anos. Em 2012, o tema foi sobre o movimento migratório para o Brasil e, em 2013, sobre os efeitos da implantação da Lei Seca no Brasil.

A coletânea, de tamanho mediano, também seguiu a tradição dos anos anteriores, fornecendo ao candidato argumentos para redigir uma boa redação. O primeiro texto trazia uma discussão acerca da proibição da publicidade infantil. Nele havia posicionamentos daqueles que são contrários à proibição e considerações dos que defendem a flexibilização para que a propaganda infantil continue tendo espaço no país. O segundo apresentava um infográfico sobre a publicidade infantil no mundo. A partir dele, o candidato mais atento poderia se apropriar de dados e, com as devidas adaptações para o contexto nacional, embasar sua análise para esse tipo de publicidade no Brasil. O último texto apresentava ao candidato uma suposta solução para o problema. Nesse excerto havia a ideia de que é preciso preparar a criança, desde cedo, para que ela seja um consumidor consciente, ou seja, para que ela cresça sabendo o que, como e por que comprar.

Além dessas informações presentes na coletânea, o candidato poderia, também, na condição de consumidor, mencionar a importância dos pais e da escola na formação e no amparo intelectual das crianças, elucidando-as e orientando-as a respeito das possíveis influências da mídia às quais muitas foram e ainda são submetidas. Para exemplificar algumas dessas influências, o estudante poderia citar uma dentre as tantas e

inúmeras propagandas que o cercam, ou que, pelo menos o cercaram quando criança, principalmente, as que foram veiculadas com mais frequência pela TV. A frase que soa como mantra "Compre Batom, compre Batom" de um conhecido anúncio publicitário e tantas outras que povoaram a infância de vários candidatos a essa prova deve ter sido de grande valia na elaboração da dissertação dessa edição de 2014 no Exame Nacional do Ensino Médio.

CRITÉRIOS DE CORREÇÃO

As redações são avaliadas por dois corretores que têm a função de atribuir uma nota de 0 a 200 pontos em cada uma das cinco competências: domínio da norma padrão da língua portuguesa; compreensão da proposta de redação; seleção e organização das informações; demonstração de conhecimento da língua necessária para argumentação do texto e elaboração de uma proposta de solução para os problemas abordados, respeitando os valores humanos e considerando as diversidades socioculturais.

A nota final da redação é a média aritmética da pontuação total dada por dois corretores. Se houver discrepância entre as notas, a redação é avaliada por um terceiro corretor e a nota final passa a ser composta com média aritmética das duas que mais se aproximarem.

Se esse terceiro corretor não chegar a um acordo com os outros dois avaliadores, a redação é corrigida por uma banca composta de três corretores, que atribuirá a nota final do participante. Essa banca também é acionada para examinar as redações com nota máxima (mil).

Veja, a seguir, alguns fatores que podem zerar a redação: fuga total ao tema; não obediência à estrutura dissertativo-argumentativa; texto com até sete linhas; tentativa de deboche ou parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto; desrespeito aos direitos humanos; cópia de textos da coletânea e redação em branco, mesmo com texto em rascunho.



redações de alunos



DICAS PARA O ENEM DE 2015

Embora ainda faltem alguns meses para o ENEM de 2015, as inscrições estão previstas para este mês de maio e os prováveis dias de aplicação da prova são 24 e 25 de outubro. Já é hora, portanto, de começar a se preparar para a redação, que tem um peso importante na prova e costuma “tirar o sono de muitos candidatos”. A dica, então, é separar um tempo para ler notícias e fazer pesquisas sobre temas que foram muito discutidos durante o ano. Além de atualidades, vale a pena ler e pesquisar artigos relacionados aos assuntos: cidadania, direitos humanos, meio ambiente, ética e diversidade cultural, que costumam ser os eixos temáticos da prova. Esse exercício, além de ampliar o repertório de argumentos sobre temas da atualidade, auxiliam na construção da tese que será defendida na redação.

Como é na construção dos argumentos que o candidato mostra ter ou não conhecimento, além de manter-se bem informado para produzir textos dissertativos, é essencial treinar, ao menos uma vez por semana, para conseguir elaborar, rapidamente, uma boa redação no ENEM e nos grandes vestibulares. Caso não aja tempo para esse treino (ou disposição para isso) é possível exercitar a escrita até mesmo em meios diferentes, de forma descompromissada e divertida, como em blogs e até nas redes sociais. Quando for escrever no Facebook, por exemplo, o ideal é escrever algo interessante e utilizar a linguagem

padrão (sem abreviaturas ou vícios da internet). Discutir ou comentar com os amigos próximos os acontecimentos contemporâneos pode ser um começo.

Entretanto, ao opinar sobre um show, uma viagem, uma manifestação pública ou até mesmo sobre algo que aprendeu em uma aula, além de citar se gostou ou desgostou de algo, deve-se justificar com argumentos consistentes. Isso exercita a capacidade de expressão, contribui para o desenvolvimento do senso crítico e auxilia para a assimilação de estrutura frasal, de linguagem padrão, de ortografia e de pontuação. É importante, ainda, submeter tais textos à apreciação de um colega (ou professor), que, com base nas competências levadas em conta pelo ENEM na correção de redações, fará uma avaliação criteriosa e personalizada.

Veja, a seguir, “treino” dessa proposta de 2014 produzido por aluno da 1ª série do Ensino Médio.



redações de alunos

PROPAGANDA: ARMADILHA PARA CRIANÇAS

Como a publicidade infantil no Brasil está presente em todos os meios de comunicação, desde outdoors, revistas, rádio e TV e tem sido cada vez mais abusiva e perigosa; em abril de 2014, uma resolução aprovada pelo CONANDA (Conselho Nacional de Direitos da Criança e do Adolescente) que estabelece se um comercial infantil é ou não abusivo, orienta que a propaganda para esse público deve ser regulada de forma criteriosa, principalmente, quando a publicidade estimula padrões de consumo alimentares não saudáveis. Embora essa regulamentação seja necessária, provocou discussão entre setores interessados nas propagandas e defensores dos direitos infantis.

É fato que a publicidade dirigida ao público infantil, voltada para a venda de alimentos, tem estimulado o consumo excessivo porque vem sendo veiculada de forma cada vez mais abusiva. Muitas delas, como redes de fast-food, lançam mão de práticas desleais, associando o alimento a brinquedos ou a personagens infantis de filmes e de desenhos animados ou, até mesmo, utilizando linguagem lúdica (músicas próprias do universo infantil) em suas propagandas. Outro exemplo são as publicidades de refrigerantes, de doces e até de sorvetes as quais são veiculadas em todos os meios de comunicação de massa, inclusive, em revistas em quadrinhos, sem qualquer limitação, fazendo associação de seu produto à vida dos personagens e à hora do lanche como algo feliz e saudável. Esse fator, infelizmente, contribui para o aumento dos níveis de obesidade entre crianças, já que elas são um público extremamente vulnerável e, por isso, são tratadas pelas empresas como parte relevante do mercado.

Com isso, a questão da obesidade infantil e sua ligação com as propagandas têm sido objeto de diversas discussões e normas. Em países como Suécia e Reino Unido, imagens de produtos industrializados, como Cheetos e Mac Lanche Feliz, que possuem personagens infantis e têm como objetivo a venda de tais produtos para crianças, são proibidos. Embora isso ainda seja permitido aqui no Brasil, a Organização Mundial de Saúde (OMS) já vem orientando que os governos criem políticas públicas para combater o problema. No Brasil, uma resolução estabelecida pelo CONANDA orienta que toda publicidade de alimentos com alto teor de açúcar, gorduras e sódio e de bebidas com baixo teor nutricional seja acompanhada de alertas para possíveis riscos à saúde no caso de consumo excessivo.

Dessa forma, faz-se necessário um maior controle da publicidade infantil no Brasil, já que ela está presente nas emissoras de rádio, nas revistas, nos jornais, nos outdoors, na rede de televisão e em tantos outros meios de comunicação em massa. Deve-se estar atento às informações para acompanhar tudo o que for oferecido às crianças; entretanto, embora a exposição delas nesta rede de consumo seja vulnerável mediante às marcas e aos personagens, vale lembrar que a obesidade não surge apenas por este fator, mas por outros variados, como hábitos de consumo e estilo de vida sedentário dos pais. Os responsáveis, portanto, devem educar corretamente suas crianças, orientando-as sobre hábitos saudáveis, consumo consciente e, principalmente, sobre as armadilhas que uma propaganda pode ter.

João Vítor Rezende Carpi - Aluno da 1ª série do Ensino Médio



COMENTÁRIO DA PROFESSORA

Trata-se de uma ótima redação, que revela domínio do gênero dissertativo, capacidade argumentativa e bom repertório cultural. O texto indica que o autor tem autonomia em relação à utilização da norma escrita, ainda que apresente um ou outro deslize. Não é, evidentemente, o texto de um jornalista ou de um profissional de redação. É o texto de um estudante e, nessa condição, pode-se dizer que preenche todos os requisitos necessários para alcançar nota máxima no ENEM.



PROFª. ELIANA N. DE LIMA PASTANA

Revista inovar

